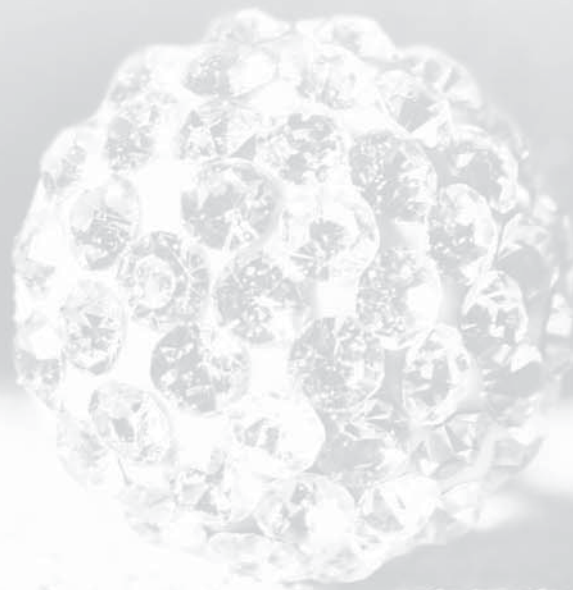


Porque Somos Um Só

Beth
Kery



Tradução de Teresa Martins de Carvalho e Nanci Marcelino

*A presente obra respeita as regras
do Novo Acordo Ortográfico.*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



Prólogo

Francesca saiu do quarto de vestir com uma blusa, calças de ganga e roupa interior nas mãos, detendo-se ao ver Ian entrar na suite. O seu noivo cruzou o olhar com o dela, sombrio como um juiz, e trancou a porta. Um sorriso revirou os lábios de Francesca.

— Ia agora tomar duche — disse.

As sobrancelhas dele ergueram-se, a sua expressão amena transmitindo uma seca incredulidade. *Não vais fazer tal coisa*, imaginou-o ela a pensar. Francesca soltou uma risadinha. Sabia o que ele tinha em mente de cada vez que trancava aquela porta. Os seus gestos tê-la-iam feito sorrir — para não falar no coração que começou a martelar mais depressa — em qualquer altura, mas, hoje, deixavam-na invulgarmente feliz. Andava tão preocupado com a saúde da mãe, torturado por, talvez, ter tomado a decisão errada quanto à sua medicação e tratamento, convencido de que havia mais qualquer coisa que ele *deveria* estar a fazer e não estava. Os cuidados e proteção que dispensava à mãe estavam-lhe profundamente enraizados até à medula desde que era criança, demasiado novo para ser forçado a considerar tais questões. Não podia escapar à pesada responsabilidade já homem feito. Infelizmente, Helen Noble poucas melhoras, se algumas, manifestava. Ian vinha fazendo frequentes viagens a Londres, assoberbando a sua agenda já de si sobrecarregada.

— O Lucien e a Elise vêm cá jantar. Não temos tempo — lembrou-lhe Francesca.

Ele foi direito a ela. Ela interrogou-se por quanto tempo perduraria

— o arrepio de antecipação que sentia sempre que lhe via aquele brilho esfomeado nos olhos azuis e aquele andar predador. Estavam juntos há já mais de meio ano, e o frémito que sentia só crescera. A recente preocupação e ralação de Ian só tinham tornado mais aguda e imperativa a necessidade que sentia de se unir a ele.

— Eu liguei ao Lucien a pedir que viessem uma hora mais tarde — disse ele calmamente ao retirar-lhe as peças de roupa das mãos e pousá-las sobre uma cadeira estofada.

— E a Sra. Hanson? Está toda atarefada a fazer rosbife e pudim de Yorkshire.

— Já tratou de pôr o forno mais baixo. Eu disse-lhe que precisava de fazer uma sesta.

Ela estudou-o quando ele se encaminhou para ela. A mentira que pregara à Sra. Hanson, a governanta, não deixava de ser verdade. Parecia tão impressionantemente atraente como de costume, envergando uma camisa às riscas azuis e brancas aberta no colarinho e calças azuis-escuras — indumentária informal, para Ian —, mas os meses de preocupação com Helen Noble tinham cobrado o seu tributo. Tinha os músculos faciais repuxados de tensão e sombras sob os olhos. Jurava que não tinha perdido peso, e a roupa assentava-lhe na figura alta e elegante tão bem como sempre, mas a Sra. Hanson e ela estavam de acordo em que ele parecia mais magro. Andava a tentar diminuir a angústia através da prática de exercício físico já de si rigorosa, e o resultado era um homem mais enxuto, rijo... e impossivelmente mais intenso. Estendeu a mão e tocou-lhe no queixo quando ele a enlaçou pela cintura.

— Talvez devesse mesmo repousar. Far-te-ia bem — disse quando ele a puxou contra si. Um frémito de excitação sexual acordou-lhe o corpo à sensação dos músculos contornos dele encaixando-se tão perfeitamente nela.

— Far-me-ia de longe melhor observar-te esse rosto lindo, contigo amarrada e indefesa — disse ele baixinho antes de se inclinar e beijá-la.

Ela abriu as pálpebras pesadas um momento depois, drogada pela potência do beijo dele e pela sensação do seu corpo a endurecer contra o dela.

— Indefesa contra quê? — murmurou junto aos lábios franzidos dele.

— Indefesa para me resistir.

— Mas eu... não... quero... resistir-te. Sabes... disso — logrou dizer por entre beijos, o corpo derretendo-se-lhe contra ele inclinado sobre ela, exigindo toda e qualquer atenção sua. Ele levantou a cabeça e deslizou-lhe a mão pelo braço. Apertou-lhe a mão e conduziu-a na direção da cama.

— As cordas deixar-me-ão simplesmente mais tranquilo — replicou.

— Cordas? — perguntou Francesca, aturdida. Ele tinha o hábito de

usar algemas para a prender durante os preliminares e o sexo, e suaves restrições e fosse o que mais fosse que lhe ocorresse de improviso no calor do momento, incluindo as suas próprias mãos. Mas *cordas*?

— Não te inquietes — disse ele depois de a conduzir até à beira da cama e a encorajar a sentar-se. Inclinou-se e mordiscou-lhe os lábios fugidamente... mas convincentemente, decidiu Francesca. — As cordas são feitas de seda. Achas que alguma vez te encostaria algo à tua linda pele que a marcasse? — perguntou-lhe ao ouvido um momento depois, a sua voz baixa e rouca arpejando-lhe os pelos da nuca.

Ela fitou-o simplesmente, arrebatada por aquele sorrisinho tão próprio dele.

Menos de dez minutos depois, jazia completamente nua na horizontal aos pés da cama larga e luxuriosa de quatro postes, as ancas e o corpo junto ao rebordo perpendicular. Observara extasiada e com crescente excitação enquanto Ian lhe amarrava meticulosamente — e sabedoramente — os pulsos às barrigas das pernas num elaborado e preciso padrão de reviravoltas e nós de corda de seda preta. Jazia deitada de costas, os joelhos dobrados contra o peito, as coxas bem apartadas. Ele instruíra-a inicialmente a agarrar as barrigas das pernas, a pressão das mãos encostando-lhe firmemente as pernas dobradas contra o corpo. Depois começara a atá-la, antebraços a barrigas de pernas e barrigas de pernas a coxas.

Estava feita numa trouxa bem apertada, embora não desconfortável. A menos que o errático martelar do coração e a necessidade crescente de fricção no sexo exposto e nu contassem como desconforto.

Observou ansiosamente Ian que voltava do quarto do lado direito da suite, o santuário privado de ambos — o quarto mantido normalmente trancado que continha toda a espécie de instrumentos de sujeição, punição e prazer.

— O que trazes do teu quartinho para me torturar? — perguntou provocadoramente com a cabeça de lado para ver o que ele segurava nas mãos. Pouco viu, no entanto, o corpo dele bloqueando o que ele pousou no cimo de uma cómoda. Virou-se para ela, ainda completamente vestido. Os mamilos dela formigaram sob o seu olhar ardente que a examinava, aquele olhar fito que como sempre a impressionava simultaneamente pela sua frieza e avaliação, e ardorosa possessividade.

— O *meu* quartinho? — repetiu ao dirigir-se a ela. O clítoris contraíu-se-lhe de condicionada excitação quando viu o pequeno boião de creme que ele segurava na mão. Era o estimulante clitoridiano com que ele a esfregava sempre que lhe fazia algo de novo... algo desafiador. Francesca

apelidara-o de «creme perverso» dado ser conhecido por a fazer desejar de formas que nunca antes imaginara. Ser conhecido por a fazer implorar.

— Sim. De quem mais é o quarto? — perguntou distraidamente.

— Teu, claro — disse ele, sustendo-lhe o olhar e rodando a tampa do creme. Ela observou cada movimento seu com tensa concentração à medida que mergulhava um dedo grosso no pequeno boião, um ardor surdo crescendo dentro dela ao segundo.

— Só tu tens a chave — disse ela quando ele retirou o dedo com um bom bocado de creme branco. Pousou um joelho no baú aos pés da cama e inclinou-se sobre o seu corpo deitado de costas e dobrado. — Portanto, é teu.

— Eu controlo o quarto, sim — disse ele, estendendo o braço. Ela levantou a cabeça do colchão, sustendo o fôlego à medida que ele se aproximava da sua passarinha distendida, a boca a aguar descontroladamente, os mamilos retesando-se em pontos rijos quase dolorosos. Ele condicionara-lhe tão refinadamente o corpo. — Mas o quarto existe para teu prazer — continuou ele. Ela arquejou e a cabeça caiu-lhe para trás quando ele sabedoramente lhe massajou o creme fresco entre os lábios, no clítoris. — Portanto é justo dizer que é domínio de ambos, não te parece? — grunhiu ele baixinho enquanto esfregava.

— Oh... *sim* — gemeu ela. O creme aquecia já sob a aresta dura e friccionadora do indicador dele. Não tardaria nada, deixaria os nervos a formigar e a arder. De tal maneira que ela tudo faria para atingir o clímax. Apesar da sua crescente excitação, o que Ian tinha em mente não lhe passou despercebido.

Antes de se conhecerem, aquele quarto era apenas de Ian, o êxtase que ele dava a outras mulheres mero subproduto dos seus prazerosos objetivos pessoais. Ele era ainda senhor daquele quarto, mas o facto de dizer que o quarto era «deles» era algo especial, e ela sentiu-se tocada.

Ele endireitou-se e pôs-se em pé, fechando a tampa do boião e olhando-a com olhos velados, com uma expressão ardente mas também vagamente frustrada.

— Porque estás a olhar para mim assim? — sussurrou Francesca.

As narinas dilataram-se-lhe ligeiramente e ele virou costas. — Estava a pensar que não há nada de mais belo que tu à face da Terra — replicou, ainda de costas viradas para ela. — E que...

— O quê? — incitou ela quando ele se calou enquanto pegava nalgumas coisas da cómoda.

Ele virou-se e foi direito a ela, e por uma vez ela ficou tão ansiosa com a sua intensidade e com o que ele lhe dizia, que não tentou identificar de imediato o que ele tinha na mão ou determinar o que ele planeava fazer-lhe, como normalmente era seu hábito.

— Ian?

— Quem me dera poder... — Ele fez uma pausa, percorrendo-a uma vez mais com o olhar do rosto às pernas e braços amarrados. — Manter-te sempre comigo — disse passado um momento. Dirigiu-se a ela.

— Eu estou sempre contigo — disse ela. Sentindo a sua disposição sombria, contudo, esforçou-se por aligeirar o momento. — Tenta só ver-te livre de mim, e logo descobrirás quão difícil será escapares.

Ele brindou-a com um sorriso rápido. — Seria uma completa impossibilidade para mim escapar-te. — Ela abriu a boca para prosseguir a conversa — pressentindo que era importante — mas ele emudeceu-a ao pousar as coisas que trouxera na cama e tocá-la entre as coxas. Esfregou-lhe o clítoris com um toque rápido e hábil. Ela arquejou. Sempre se interrogara como é que ele a tocava mais conhecedoramente do que ela própria, como se estivesse dentro da sua cabeça e pudesse sentir o que ela sentia.

— O creme já começou a fazer efeito? — murmurou ele.

— Sabes que sim — acusou ela entre dentes. Ele susteve-lhe o olhar e ela sentiu-lhe o sorriso bem na boca do estômago. Deus, amava-o tanto. Por vezes inquietava-se de que ele não se apercebesse de quanto...

— Vou pôr-te uma coisa no rabo — disse ele baixinho, esfregando-lhe ainda o clítoris.

— Ok — disse ela, sentindo a subtileza do seu comentário, mas não o significado. Ele nem sempre usava *plugs* nela, mas esse era certamente um aspeto dos seus jogos sexuais com o qual estava familiarizada. Ele devia ter reparado na sua ligeira confusão, pois retirou a mão — fazendo-a choramingar em protesto face à sua ausência — e apanhou alguma coisa de cima da cama.

— Isto — disse, segurando um *plug* de uns dez centímetros com base. Não era assim tão diferente dos que já usara nela, à exceção de uma coisa. A base e o próprio *plug* eram completamente transparentes.

— Pode ser? — incitou.

— Sim — replicou ela sem hesitar, ainda que ruborizada.

Algo pulou nos olhos azuis de Ian... algo que ela ciosamente prezava. Ele lubrificou rapidamente o *plug* transparente. Observou o rosto dela enquanto lho inseria. Ela gemeu suavemente e mordeu o lábio. A estimulação do ânus parecia levar o creme clitoridiano a fazer completamente efeito. Sentia-se formigar e arder. Ele pressionou até que a base ficasse em contacto com a pele das nádegas. Ela sentiu gotas de suor formarem-se-lhe no lábio superior.

Sobressaltou-se quando Ian afastou abruptamente o pesado baú de madeira dos pés da cama e se inclinou sobre ela. A ponta da língua dele

passou-lhe por sobre o lábio, recolhendo-lhe o suor, antes de a beijar com mal contida paixão.

— Nunca amei nada nem ninguém como te amo a ti — disse rispidamente ao selar o beijo.

— Também te amo — sussurrou ela sentidamente. Um frémito de prazer percorreu-a à medida que as pontas dos dedos dele lhe passavam sob o joelho dobrado e começavam a brincar com um mamilo. Pôs-lhe a mão na canela, empurrando-lhe gentilmente o joelho para junto do outro, expondo-lhe o seio. A sua cabeça morena baixou-se. Ela fitou cegamente o elaborado candelabro de cristal sobre a cama enquanto ele beijava o mamilo com lábios mornos e firmes antes de lho tomar na boca e chupar... ora gentilmente... ora não. Os esfíncteres anais contraíram-se-lhe reflexivamente em torno do *plug* e sentiu uma dolorosa pontada de prazer no clítoris. Quando ele finalmente ergueu a cabeça, ela tinha ambos os mamilos eretos e alerta, duros e avermelhados. Ele deu ao mamilo esquerdo uma última e gentil beliscadela. Ela choramingou de prazer crescente e ele largou-a.

— Já alguma vez te disse que tens os mais belos seios do mundo?

— Uma vez... ou dez mil vezes — replicou.

— Merecem ainda maior louvor.

O ar entre as suas coxas apartadas pareceu lambe a humidade ali reunida. Observou-o, com respiração errática, a endireitar-se. O coração pulou-lhe de excitação quando ele começou a desapertar o cinto. Depois de correr o fecho para baixo, levou a mão dentro dos *boxers* justos brancos e removeu a pila para fora, libertando o mastro longo, espesso e sulcado de veias de modo que a base lhe assentasse no cós dos *boxers*. O pénis balançou antes de se imobilizar, a pesada e intumescida cabeça fazendo-o tombar ligeiramente inclinado para fora. A boca dela encheu-se instintivamente de água. A passarinha ainda mais molhada ficou. A visão da pila dele já em tempos simultaneamente a intimidara e excitara. Ao fim de meses a fazer amor com Ian, contudo, apenas a excitação perdurava.

Como se ele soubesse precisamente a reação que provocava nela, acercou-se-lhe do rosto e encostou as coxas à cama. Ela virou a face contra o rebordo do colchão e abriu os lábios. Ele inclinou-se mais e mergulhou-lhe os dedos no cabelo. Ela já não tinha necessidade dele para a dirigir de modo a satisfazer as suas necessidades. Não nisto, não tinha.

Ela estendeu a cabeça, tomando-lhe a verga morna e rígida com a língua. Ele apertou-lhe os dedos nos seus cabelos e ela tomou a coroa carnuda e firme dentro da boca, os lábios distendidos em seu redor, espremendo-o. Deu à greta um firme polimento com a língua, fazendo-o cravar-lhe os dedos nos cabelos, antes de fazer deslizar a verga para dentro da boca e chupar.

— Jesus, que bom que é — ouviu-o dizer roucamente acima dela à

medida que lhe pulsava a pila para dentro e para fora da boca. — Pareces ter sempre tanta fome disto... tanta fome de mim como eu tenho de ti.

O intensificado fervor de Francesca foi uma certificação da verdade do que ele dissera. Passado um momento, ela fechou os olhos e deixou-o ter pleno controlo, confiando nele por completo. A sua atenção reduziu-se a um canal bem focado, cada sentido seu nele assestado — no seu familiar e delicioso sabor e odor, na arrebatadora textura da sua pila, na forma como a sua carne ainda mais rija e túmida se tornava a cada arremetida e chupadela da sua boca bem apertada. Ela adorava a forma como o punho dele se crispava no seu cabelo, as suas inarticuladas exigências não duras, necessariamente, mas, como sempre, empedernidamente firmes. Ian deleitava-se de prazer, e ela acabara por adorar oferecer-lho sem reservas.

O creme já surtia pleno efeito no clítoris, fazendo-lhe os nervos arder e fervilhar. A pressão do *plug* no rabo acrescentava o seu quê de primitivo e obscuro à excitação que sentia. Estava amarrada e incapaz de aliviar o crescente ardor dentro dela, e isso tornava o prazer que dava a Ian mais desesperado e frenético. Ele tornara-se uma parte dela nos últimos meses, o prazer dele seu também.

A excitação que sentia aumentava à medida que as arremetidas dele pela sua boca dentro aceleravam e o pénis se lhe dilatava. Esforçou-se por tomá-lo mais fundo e foi bem-sucedida, tendo por recompensa um rouco e ligeiramente espantado grunhido de prazer.

— Não — protestou ela, a voz enrouquecida pela pila dele quando ele deu uma guinada para trás às ancas e a verga lhe deslizou da boca para fora com uma sonora sucção. A pila dele era como uma droga; o seu prazer viciante para ela. Ele largou-lhe o cabelo, as pontas dos dedos massajando-lhe ao de leve o couro cabeludo antes de recuar.

— Sim — disse ele simplesmente, e ela não argumentou. Não estava surpreendida. Ele ocasionalmente vinha-se com rapidez, tomando-a num ímpeto de sofreguidão que ela adorava por trair as profundezas de desejo de um homem cujo autocontrolo era lendário. Normalmente, contudo, arrastava as coisas, afogando-a em prazer e excitação, fazendo o desejo de ambos crescer até níveis intoleráveis, atijando o fogo de modo que, quando o clímax viesse, irrompesse explosivo. Neste fim de tarde, ela sentiu a necessidade dele de se agarrar a ela o mais tempo que pudesse, de mesclar as suas essências e prolongar a aguçada intimidade.

Engoliu em seco ao vê-lo apanhar um vibrador vermelho de borracha de cima da cama. Era novo, um que nunca antes usara nela. A borracha tinha modelado um aro oval na ponta, a circunferência sensivelmente do tamanho de uma moeda de cêntimo. Viu o polegar dele mover-se e o instrumento começou a vibrar quase silenciosamente. Ele susteve-lhe o olhar

enquanto lhe pressionava o aro rígido e pulsante contra a boca, simultaneamente apaziguando e excitando a carne sensitiva. Sentia os lábios febris e dilatados devido ao vigoroso arremessar de Ian por entre eles adentro, pouco antes. Abriu-os de bom grado quando ele moveu o vibrador, os seus gestos tocando-a como mais íntimos e excitantes do que teria esperado. Gemeu suavemente quando ele pressionou o vibrador mais fundo, fazendo-o deslizar contra a carne molhada dentro da boca. A vagina contraiu-se-lhe, tomada de impotente excitação, ao fitá-lo acima dela, concedendo-lhe pleno e inegável direito sobre o seu corpo.

— Tão bonita — murmurou ele, e ela soube que ele tinha visto a sua submissão tão claramente como lhe vira o rosto. — Seria capaz de olhar para ti eternamente quando te dás a mim.

Removeu-lhe o vibrador dos lábios húmidos e acariciou-lhe ternamente a face. Ela virou o rosto para a palma da mão dele e beijou-lha no centro. Ele emitiu um som rouco do fundo da garganta e retirou a mão. Uma vez mais empurrou-lhe um dos joelhos contra o outro, expondo-lhe o seio nu, usando o bastão do vibrador para estimular a carne torneada. Ela mordeu o lábio, capturando o suave grito que ia soltar quando ele inseriu um mamilo retesado no aro do vibrador e premiu suavemente.

— Sabe bem? — murmurou, tornando a fitá-la.

— Sim — sussurrou.

E sabia. Tinha o mamilo rodeado pelo aro pulsante. O misterioso carreiro de nervos conectando-lhe os mamilos ao clítoris lampejou de vida. Contorceu a cabeça no colchão e gemeu, com um desejo cada vez mais aguçado e insustentável.

— Chhh — apaziguou Ian gentilmente.

Ela gritou quando ele lhe apartou naturalmente os lábios lá em baixo e lhe comprimiu o clítoris com o aro vibrante. O seu grito redundou num grunhido de extática miséria quando ele aumentou a potência do vibrador. Fechou os olhos e estremeceu ante a intensa e concisa estimulação, retorcendo as ancas na cama. Ele pousou a mão na corda enrolada em torno das barrigas das pernas e susteve-a no lugar. Ela não tinha escolha senão aceitar o destilado prazer em toda a sua força.

— Vem-te — disse Ian um momento depois.

Ela seguiu o comando à letra, o seu corpo amarrado tremendo sob a violenta investida de libertação. Após as primeiras e mais poderosas vagas de prazer terem passado, ele removeu o vibrador. Ela levantou a cabeça da cama e reprimiu um grito quando ele lhe pressionou a pila contra a passarinha, lhe agarrou as coxas e a empalou de um golpe.

— Oh, Deus... *Ian* — arquejou, continuando a vir-se-lhe em torno do pénis. A súbita intrusão subjugava-a. Sabia acima de tudo maravilhosamente,

mas também doía um pouco, repleta até mais não como estava com a grande pila de Ian na passarinha e o *plug* no rabo.

— Isso mesmo — soprou ele asperamente começando a arremessar, o seu rosto atraente rígido de prazer contido. — É isto que eu quero sentir. Tão quente. Tão molhada — disse entre dentes à medida que a fodia e a sua vagina se contraía à sua volta enquanto se continuava a vir.

— Não — resmungou ela desesperadamente em surdina um momento depois quando ele de novo se retirou dela. Levantou a cabeça, fitando a erótica visão da pila pesada e reluzente sobressaindo-lhe da braguilha aberta e dos *boxers* descaídos. Ele muitas vezes não despia completamente as calças enquanto brincava com ela amarrada. O que a deixava desvairada de ânsia contida. Levava-a a um passo da loucura observar, amarrada e impotente, ele passar a mão grande pela verga molhada e rígida. A vagina e os esfíncteres anais contraíram-se-lhe com força. Ele soltou um gemido áspero.

Ela constatou que ele olhava fixamente por entre as suas coxas apartadas para a sua passarinha distendida e o *plug* inserido. As faces arderam-lhe. Experimentou um desejo subjugador de se cobrir. Jamais se sentira tão exposta perante ele como estava nesse momento. Seria patética sua, abrir-se perante outro ser humano tão completamente... permitir-se ficar tão vulnerável?

Os músculos faciais de Ian convulsionaram-se ligeiramente enquanto a fitava, a expressão de algum modo transmitindo uma tão intensa ânsia da sua parte que raiava a dor. Todas as dúvidas que ela sentia quanto à sua vulnerabilidade se desvaneceram em neblina. De muitas formas, Ian punha-se tão a nu enquanto faziam amor como ela fazia por ele.

— Ian — murmurou. Ele ergueu os olhos, cruzando o olhar com o dela, e ela soube que tinha o coração nos próprios olhos.

— Não devias olhar para mim dessa maneira. Sabes o que me faz.

— Lamento — replicou ela.

— Não lamentas nada — disse ele lugubrememente, aproximando-se da cabeça dela e desabotoando fugidamente a camisa enquanto o fazia. Passou a camisa por sobre os ombros. O olhar dela baixou-se cobiçoso para o músculo enxuto e proeminente. Aprendera, ao longo dos últimos meses, que, quando se encontrava amarrada, os seus olhos tinham de ocupar o lugar dos seus dedos sôfregos, fazendo dela uma mais penetrante observadora. Dado que Ian igualmente a vendava por vezes, os seus nervos, também, haviam-se tornado refinadamente sensitivos a todo o movimento e toque dele. — Nem eu tão-pouco lamento, para ser honesto — prosseguiu ele. — Se eu pudesse engarrafar essa expressão dos teus olhos, fá-lo-ia.

Ela encontrava-se em tão poderoso estado estranhamente combinado de saciedade e sustida excitação, que levou um momento a reparar na sua

expressão rígida e contudo de algum modo hesitante enquanto lhe afagava o pescoço, os contornos exteriores dos seios e costelas, fazendo-a tremer de prazer.

— O que foi? — perguntou baixinho, confusa com a disposição dele.

Ele não falou por um momento, continuando simplesmente a acariciá-la com a sua mão grande e cálida.

— Gostaria de te filmar enquanto continuamos. Só o teu rosto — apressou-se a acrescentar como ela não respondesse de imediato.

— Porquê? — perguntou, ainda que julgasse saber a resposta.

A expressão dele tornou-se indecifrável, mas, não obstante, ela sentiu o turbilhão em que ele se encontrava. — Tal como disse, engarrafaria a tua doçura se pudesse — admitiu ele. — Levar-te-ia comigo para todo o lado.

O coração pareceu-lhe inflar para o dobro dentro do peito. Ele conhecia tanta dor na sua vida... fora tão temeroso de abrupta rejeição, adestrado para inesperadas reações de medo e até violência por parte de uma mãe esquizofrénica.

— Tudo o que eu sou está sempre aqui para ti, Ian — disse suavemente. — Mas claro que me podes filmar, se achas que pode ajudar... de algum modo.

O olhar dele, desviado, moveu-se-lhe fixamente para o rosto. — Tens a certeza? Claro que sabes que será apenas para mim. Guardá-lo-ei zelosamente.

Ela sorriu. — Eu sei. Achas que, se assim não fosse, to permitiria?

As narinas dele dilataram-se ligeiramente ao estudá-la. — Achas que é um pedido bizarro, não achas?

— Não. Não partilho da tua necessidade, mas compreendo-a, Ian. Mesmo — acrescentou significativamente.

Ele inclinou-se e beijou os diamantes na sua mão atada — o anel de noivado que lhe dera há umas semanas.

— Obrigado — disse.

O seu comportamento solene humedeceu-lhe os olhos. Congratulou-se quando ele se afastou. Quando ele voltou ao seu campo de visão, trazia consigo uma pequena câmara de vídeo. Pousou-a sobre a cómoda e focou-a rapidamente, a lente assestada à sua cabeça.

— Está apontada para o teu rosto — disse quando se acercou dela de novo um momento depois. Ela reparou que, longe de diminuir durante a breve ausência de junto dela, a ereção dele parecia igualmente firme, pesada e flagrante. O amor e confiança que sentia nele encheram-na de enlevo pela evidência de que o excitava filmá-la durante o sexo. Era meramente um outro nível de intimidade para ambos explorarem. Não se deixou desconcertar pelo pedido dele.

— Sabes que adoro ver-te entregares-te a mim — disse ele, afagando-lhe as ancas e a seguir o baixo-ventre, os seus dedos compridos aproximando-se devagarinho do seu monte de Vénus e da passarinha distendida. — Deste modo, terei a visão sempre à minha disposição.

— Não gostarias antes de ter-me em pessoa? — perguntou, as faces afogueando-se à medida que ele a acicatava, os seus longos e talentosos dedos fazendo formigar a pele a meros centímetros de onde se sentia a arder. Choramingou quando ele lhe acariciou a parte interior, húmida, das coxas.

— Preferiria um milhão de vezes ter-te em pessoa — assegurou ele, a boca retorcendo-se-lhe num sorrisinho. — Que homem no seu estado de sanidade não quereria esta... — fez uma pausa, mergulhando-lhe um dedo grosso e comprido na greta, fazendo-a inalar bruscamente — requintada carne? — terminou.

Ela estava tão excitada que conseguia ouvi-lo mover-se dentro da sua passarinha molhada, fodendo-a com o dedo. Ele retirou-se e imediatamente transferiu o dedo lubrificado para o clítoris, esfregando-a com tal precisão que os olhos lhe rolaram nas órbitas e cerrou com força as pálpebras. O talento inato de Ian combinado com o estimulante clitoridiano era quase insuportavelmente potente e certo.

— Não, encanto meu. Abre os olhos. Olha para mim.

Ela esforçou-se por fazer o que ele clamava, focando-se no seu bem-amado rosto. Ele continuou a estimular-lhe o clítoris certamente. Os lábios tremeram-lhe. Ele ia fazê-la vir-se de novo não tardava nada de nada.

— O que mais prazer te dá? — perguntou ele com uma expressão séria. — Um vibrador ou a minha mão?

— A tua mão — disse ela sem hesitar, premindo as ancas contra a divinal pressão. — Sempre a tua mão. O teu toque — acrescentou tremulamente.

— O vídeo será o mesmo para mim. Permito-te que uses o vibrador na minha ausência, não permito?

— Sim — articulou ela mudamente, por demais subjugada de crescente excitação para falar audivelmente.

— Mas preferias antes ter-me a mim? — perguntou ele, e a despeito da sua típica e palpável confiança, ela ouviu o fio de incerteza na sua voz... de necessidade nua.

— Um *milhão* de vezes — repetiu-lhe as palavras debilmente, olhando-o nos cauterizantes olhos azuis. Foi tomada de emoção. Cerrou os olhos com força, uma lágrima escorrendo-lhe pela face, e veio-se contra a sua mão.

Regressou dos reinos da bem-aventurança à sensação do *plug* a deslizar-lhe do rabo para fora. E lá estava ele quase de imediato — substituição

bem mais volumosa e pulsante. Ele susteve-lhe o olhar à medida que entrava lentamente dentro dela, os olhos em brilhante contraste com as suas feições rígidas. A crua intensidade do momento subjugou-a. Não havia um ponto do seu corpo ou alma que ela não lhe desse de bom grado.

— Não desvie os olhos — disse ele ríspidamente quando lhe pressionou os testículos contra as nádegas e ela arquejou com falta de ar, que não parecia ter maneira de lhe expandir adequadamente os pulmões. Ele devia ter sentido quão poderoso era o momento para ela. Espalmou-lhe as mãos nas ancas e começou a fodê-la, a pélvis batendo-lhe ritmadamente contra o rabo. — Não desvie nunca os olhos, Francesca.

Soava quase zangado, mas ela sabia que não. Era a intensidade do momento que lhe esganiçava a voz. Limitou-se a abanar a cabeça, demasiado inundada pela sensação da pila dele a mergulhar dentro e fora de um lugar tão íntimo, demasiado saturada de amor e desejo para fazer outra coisa que não render-se. O creme clitoridiano em combinação com a primitiva posse de Ian fizeram-na arder uma vez mais. Até as plantas dos pés lhe escaldavam e formigavam. Ele espalmou-lhe a mão sobre o baixo-ventre, continuando a arremessar a pila para dentro e para fora dela. Soltou um grito agudo, arqueando as costas ligeiramente sobre a cama, quando ele lhe deslizou o polegar entre os lábios da vulva e lhe esfregou o clítoris.

— Oh, não — arquejou, mal tendo consciência do que dizia.

— Sim — corrigiu ele entre dentes. — Abre os olhos.

Ela fez como ele ordenava, não se tendo apercebido de que os fechara à medida que o êxtase crescia. Os sons dos seus corpos embatendo um contra o outro mais e mais depressa pareciam igualar o martelar do seu coração nos seus ouvidos. O polegar dele moveu-se, provocando uma deliciosa fricção. Ela estava prestes a incendiar-se qual ponta de fósforo riscado. Focou-se nele com esforço, reprimindo um gemido. O suor perlava-lhe o rosto, o peito e o abdómen musculado.

— Diz-me que me amas — soprou ele asperamente.

— Amo-te tanto.

— Sempre.

— *Sim*. Sempre — disse ela, os lábios tremendo-lhe na iminência do orgasmo. Sentiu-o dilatar-se dentro dela, a ligeira dor de desconforto mais lhe atizando o desejo, providenciando-lhe o gume necessário para se vir. O seu grito agudo foi silenciado pelo rugido de libertação de Ian.

Um momento depois, ele tombou-lhe entre as pernas atadas, sustentando-se acima dela com os braços firmados no colchão, ambos tremendo e ofegando ainda no rescaldo da pura tempestade orgástica. Uma gota de suor caiu nos olhos dela. Ardeu-lhe, mas ela não pestanejou; a imagem dele era por demais bela.

— Vou ligar ao Lucien e à Elise a cancelar o jantar — disse Ian, percorrendo-lhe o rosto com os olhos.

— Já é demasiado tarde. Eles já estarão a caminho. Além disso, far-te-ia bem um serão com amigos. Pareces sempre relaxar e desfrutar da companhia do Lucien. Ele tem um bom efeito em ti.

A boca dele retorceu-se. — Desfruto bem mais da tua companhia. E não acreditarias quão relaxado estou neste momento.

— Sabes o que quero dizer. Tens andado sujeito a tanto stress ultimamente, com a tua mãe doente. — O sorriso dela desvaneceu-se. Após um momento a estudá-lo, reconsiderou. — Queres mesmo cancelar?

Ele endireitou-se e retirou-se lentamente de dentro dela, esboçando um esgar ao fazê-lo. — Sim — respondeu com franqueza enquanto começava a desatar-lhe os braços e as pernas. — Preferia passar a noite contigo aqui mesmo — disse passado um momento. Lançou-lhe um olhar sombriamente divertido ao tirar-lhe a corda de volta dos membros, libertando-a das restrições com tão metódica precisão como as preparara. — Mas suponho que não devo ser tão egoísta. Umhas horas passadas com amigos não irão fazer grande diferença no esquema das coisas. Não tarda, estarei de volta à cama contigo, certo?

— Certíssimo.

Um inexplicável arrepio perpassou pela carne afogueada de Francesca, qual sombra invisível, e logo desapareceu. Ela suspirou de alívio ao estender as pernas liberas e espreguiçar-se como um gato satisfeito.

Mal pensou na sua resposta automática e segura até bem mais tarde. Naturalmente que ela e Ian estariam ali juntos mais tarde.

Nos braços um do outro, o lugar que lhes pertencia.



Capítulo

UM

Seis Meses Depois

Nada é certo, pois não? Nada — disse Francesca soturnamente ao pousar a secção de investimento e finanças do jornal matutino, os cabeçalhos tecendo exclamações sobre a debilitada economia japonesa. O olhar tardou-lhe num título: *Conglomerado Japonês Contrata Empresa de Investimento Bancário para Venda*. Mordeu nervosamente o lábio, sobressaltando-se ligeiramente quando o seu companheiro de casa, Davie Feinstein, lhe tocou no ombro.

— Algumas coisas são certas — disse Davie com um olhar significativo que ela fez por ignorar. Aceitou a chávena de chá fumegante que ele lhe ofereceu e lançou-lhe um sorriso quando ele se sentou. Ele começou a pôr panquecas acabadas de fazer nos pratos de ambos.

— Tal como os impostos e os teus pequenos-almoços de fim de semana. Tal como a tua amizade? — perguntou Francesca, esforçando-se por emprestar à voz um tom ligeiro já que roçavam um assunto delicado, e ela se recusava a ir por aí naquela luminosa manhã de dezembro. O assunto delicado: o abandono a que Ian a votara há meio ano na sequência da morte da mãe. Mas não só da inesperada morte da mãe, como também da descoberta da venenosa verdade quanto ao seu pai biológico... verdade essa revelada por Lucien Lenault depois de ela e Ian terem feito amor de forma tão íntima naquele entardecer de verão. Num momento, o futuro de ambos estivera luminosamente assegurado. Tudo isso mudara numa questão de segundos, escortanhado pelas lâminas da verdade.

E da dúvida.

Ela sabia que Ian se sentira temeroso durante a vida inteira com a ideia de que o pai desconhecido se houvesse sequer aproveitado da sua mãe mentalmente doente, quanto mais que a tivesse violado. Contudo, a identidade do seu pai biológico permanecera um mistério para ele até àquele fim de tarde seis meses atrás. Naquela fatídica noite em que Lucien e Elise tinham ido jantar lá a casa, Lucien estivera ciente de que provocaria um abalo ao dizer a Ian que eram meios-irmãos, mas isso não fora o pior. Ele revelara igualmente que o pai de ambos, Trevor Gaines, fora um violador e reproducionista em série — um homem com um fascínio doentio por engravidar tantas mulheres quantas pudesse. O impacto dessa revelação, a par da súbita pioria do estado da mãe e respetiva morte, havia tido um efeito dizimador em Ian.

Francesca nem queria pensar nessa outra questão que ela suspeitara ser ainda mais uma brecha no bem-estar de Ian, a bizarra coincidência de Ian lhe ter pedido para a filmar durante o sexo na precisa noite em que descobrira que o seu criminoso pai se comprazia em registar em vídeo as suas conquistas e vítimas. Suspeitava que Ian houvesse tecido alguns autocondenatórios julgamentos na sequência disso, mas ela nunca tivera a oportunidade de lhe assegurar que ele estava a léguas e léguas de distância de ser remotamente semelhante a Trevor Gaines.

Ela nada mais quisera do que consolá-lo e aplacar-lhe o sofrimento, mas ele partira... desaparecera sem uma palavra para ela ou uma mensagem pessoal. Fora-se. O homem com quem ela fizera tenção de casar, que amava mais que à própria vida.

Como se tornara hábito, ela e Davie evitavam o facto de que o homem a respeito de quem ela tivera mais certezas no mundo desaparecera da face da Terra, e se recusava determinadamente a ser encontrado.

— Os impostos e a minha amizade são definitivamente certos. Quanto aos meus pequenos-almoços de fim de semana, fá-los-ei enquanto houver alguém que venha tomá-los — dizia-lhe Davie, passando-lhe a geleia.

— Aos fins de semana é quando mais sinto a falta do Caden e do Justin — disse Francesca.

— Por acaso o Justin disse que tentaria passar por cá depois de ir ao ginásio hoje de manhã.

— Palavra? — perguntou Francesca esperançosamente. Davie assentiu.

Porque tivera tudo de mudar? Davie, Justin, Caden e ela haviam sido amigos íntimos e companheiros de casa durante anos. Mas então ela conhecera Ian, e a sua vida tomara um rumo que ela nunca imaginara. Começara a passar cada vez mais tempo no luxuoso *penthouse* de Ian na baixa e planeava mudar-se permanentemente para lá quando se casassem. Na sua qualidade de um dos mais ricos e influentes homens do mundo, Ian levava-a

a lugares com que ela apenas sonhara antes e expusera-a a mandachugas não só do mundo das artes — o mundo *dela* — como de todas as esferas da vida, desde grandes empresários a políticos e celebridades. Iniciara-a em desafiadores jogos amorosos, ensinara-lhe o poder da submissão... transformara o seu corpo num afiado instrumento para experimentar um refinado prazer. Transformara-a numa mulher mais confiante que se sentia sublimemente confortável no seu próprio corpo, uma mulher plenamente detentora e orgulhosa dos seus feitos e da sua sexualidade.

Até que a tragédia se dera. Ian eclipsara-se por sua própria vontade. Justin e Caden haviam prosperado nos seus empregos e mudado para as suas próprias casas. Quando ela viera de novo viver com Davie a tempo inteiro na sua moradia de Wicker Park, muita coisa mudara. Ela própria estava transformada, a jovem desastrada e de espírito livre que fora em tempos desaparecera, tendo uma mulher mais sóbria, contida, triste e amarga tomado o seu lugar. Davie estivera lá sempre, todavia, um sólido e tranquilizador pilar na sua vida. Ele estivera lá para ajudar a sarar-lhe as feridas, tendo-a encorajado a focar toda a sua energia na sua pintura e em terminar o seu mestrado. Graças ao prestígio e patrocínio de Ian, a sua reputação crescera na comunidade artística. Não lhe faltavam encomendas de trabalho, e até recusara algumas bem lucrativas.

Ainda assim, por vezes sentia que a sua vida estacara estrepitosamente. Ainda estava desorientada, o cérebro trepidante do dilacerante impacto da súbita perda.

Verteu geleia nas panquecas, a sua atenção uma vez mais atraída para o jornal e a notícia a respeito da venda da Tyake Inc. devido à crise financeira japonesa. Davie reparou na sua ansiedade quando ela começou a regar as panquecas. Tocou-lhe na mão. Ela pestanejou e levantou o frasco de geleia.

— Vem alguma coisa no jornal relacionada com a Noble Enterprises? — perguntou Davie cautelosamente, referindo-se à companhia multimilionária de Ian.

— Não, não que eu esteja a ver — disse Francesca sem rodeios antes de pousar o frasco e pegar no garfo. Teve de novo uma aguda consciência de que estavam perigosamente perto do assunto Ian. Ian era sinónimo da sua empresa de descomunal sucesso, afinal de contas. Ou pelo menos fora, antes de renunciar à sua posição à sua frente.

Ouviu baterem à porta da frente e pousou o garfo, contente pela distração.

— Porque estará o Justin a bater à porta? — perguntou ao levantar-se, perplexa. Justin, Caden, Davie e ela eram praticamente família, afinal de contas.

— Não me parece que a tenha destrancado ainda esta manhã — ouviu

Davie dizer ao sair da cozinha e dirigir-se à entrada. Francesca correu o trinco e abriu de par em par a porta da frente.

— Vens mesmo a tempo... — Estacou a meio da frase ao constatar que não era o seu amigo Justin que se encontrava postado nos degraus fronteiros.

— Lucien — disse, o abalo soando-lhe na voz à inesperada visão do meio-irmão de Ian. O simples facto de lhe olhar para o rosto classicamente atraente e para o cabelo escuro e desalinhado fê-la voltar num lampejo àquela horrível noite. Viu vividamente a expressão rígida e consternada de Lucien e o tom cavo de Ian ao fitar a fotografia do seu pai biológico.

A minha mãe. Era por isso que ela às vezes parecia ter medo de mim... durante toda a minha vida, ela encolhia-se e amedrontava-se por vezes só de me ver... por eu me parecer tanto com ele. Por eu ter a cara do homem que se aproveitou dela. Eu tinha a cara do seu violador.

Afugentou à força do cérebro a dor excruciantemente penosa das palavras de Ian e tentou focar-se em Lucien. Tinha andado a evitá-lo, tal como tinha vindo a evitar tudo o que se associasse a coisas que fizessem lembrar Ian. Não era nada contra Lucien, ou a sua esposa recente, Elise. Com efeito, tinha um profundo afeto pelo casal. Era apenas instinto de sobrevivência. As coisas relacionadas com Ian perfuravam-na até ao âmago.

As narinas de Lucien dilataram-se ligeiramente enquanto a estudava sombriamente, o seu olhar cinzento penetrante e avaliador fazendo-lhe desconfortavelmente lembrar um outro olhar bem azul.

— Peço desculpa por invadir a tua privacidade — disse ele baixinho na sua voz rica com sotaque francês. — Mas é muito importante que falemos.

O coração caiu-lhe agoniadoramente aos pés. — Trata-se do Ian? Ele está bem? — perguntou, com a pele arrepiada de pavor.

— Ainda não tive notícias dele. Pelo que me é dado a entender das suas esporádicas comunicações com a Lin, está fino. Vivo e ativo, seja como for — acrescentou Lucien em surdina, referindo-se à talentosa assistente executiva de Ian, Lin Soong. A boca comprimiu-se-lhe no que Francesca tomou por inquietação... ou seria raiva? Sabia que Lucien não concordava com o autoimposto exílio do irmão. Pelo que ele dizia, Lucien fazia tanto ideia de onde estaria Ian, como os seus avós e Francesca. Lin insistia não saber também onde Ian se encontrava, mas Francesca não se admiraria de que Lin mentisse a pedido de Ian. Lin era-lhe infalivelmente leal.

Tomou consciência de que Davie se aproximara e se postara ligeiramente atrás dela.

— David — disse Lucien, assentindo com a cabeça num cumprimento sóbrio.

— Lucien, entra. Está frio na rua — disse Davie, incitando o outro

homem a entrar. Francesca recuou, acometida de um vago embaraço ao constatar que deixara Lucien na rua ao frio. — O que se passa? — perguntou Davie, fechando a porta.

Lucien falou diretamente para Francesca. — É a Noble Enterprises. Precisamos de ti, Francesca. Sabes da disposição do Ian. Surgiu uma conjuntura de circunstâncias únicas. Temos de tomar algumas decisões cruciais.

O sangue pareceu fugir-lhe da cabeça. Foi tomada de tonturas. Teve uma desconfortável consciência do olhar de perplexidade interrogador que Davie lhe lançou.

— De que está ele a falar? — perguntou Davie.

Francesca engoliu constrangida em seco, evitando os olhares fitos de ambos os homens.

— Tu e os outros podem decidir — disse esbaforida para Lucien, como se achasse poder ainda ocultar a verdade de Davie. Dela própria.

— Precisamos de ti para uma decisão desta envergadura. Foi a disposição que Ian tomou antes de partir. E tu, de todos os membros do seu conselho de administração *ad hoc*, deténs a maioria de poderes para liquidar ativos e fazer aquisições de monta. A Noble Enterprises precisa de ti. O Ian precisa de ti.

— Tem alguma coisa a ver com a Tyake? — perguntou Francesca, olhando de relance com hesitação para o rosto de Lucien.

— Sabes que o Ian há muito, muito tempo quer comprar essa companhia? — perguntou.

Francesca assentiu. Ela e Davie tinham usualmente o cuidado de evitar mencionar o nome de Ian. Ao ouvi-lo não uma vez, mas várias vezes esta manhã, sentia como que minúsculos mísseis perfurando-lhe a carne.

— Mas o que vem a ser isto? Francesca? — clamou Davie.

O desespero de Francesca aumentou ao ver a perplexidade de Davie. — Desculpa. Não te contei porque... porque me pareceu ridículo. O Ian abandonou-me. Deixou-me...

— Deixou-te com acesso a uma vasta fortuna, o usufruto de todas as suas propriedades e uma posição superior no conselho de administração temporário que ele nomeou para administrar a sua companhia na sua ausência. Entendo porque recusaste reconhecer tais coisas, Francesca. Entendo mesmo — acrescentou Lucien mais suavemente, o seu olhar compassivo mais penoso para ela do que teria sido um olhar impaciente ou desdenhoso. — Mas isso não invalida a realidade. As vidas de milhares de pessoas dependem da saúde e prosperidade da Noble Enterprises. O mesmo se poderia dizer da Tyake. Tu e o Ian podem não estar juntos, mas tu, talvez mais do que ninguém, entendias os seus sentimentos e objetivos pessoais para a sua companhia. Acredito ser essa a razão por que ele te deixou

com poderes únicos de procuração que o resto de nós não detém. Os avós do Ian estão aqui em Chicago, tal como Gerard Sinoit, primo de Ian. A única pessoa que não temos disponível no conselho de administração és tu, e sem ti estamos paralisados. Entendo que digas sentir-te mal preparada para isto, mas o Gerard, o James, a Anne e eu próprio podemos providenciar-te um vasto recurso de conhecimentos empresariais. Guiar-te-emos. Os vice-presidentes e executivos do Ian têm vindo a administrar as operações do dia a dia, com a nossa ocasional orientação e instrução. Mas entre os cinco membros do conselho de administração, o teu voto é o que mais peso tem em questões relacionadas com liquidações e aquisições de monta. Chegou a altura em que não podemos prosseguir sem o teu envolvimento.

— Se eu não tenho lugar na vida do Ian, como posso tomar lugar na sua maldita companhia? — sibilou Francesca, a sua raiva rompendo a frágil armadura emocional. O rosto de Lucien permaneceu impassível, o seu olhar enigmático focado nela. Não disse em voz alta que ela estava a ser egoísta por se agarrar ao seu ressentimento, mas Francesca imaginou que fosse isso que ele estava a pensar. Lucien tinha o seu próprio casamento e negócios com que se ocupar afinal de contas, mas arranjava tempo na sua agenda ocupada para fazer a sua parte em ajudar a superintender a empresa de Ian.

Lançou a Davie um olhar desvairado, sabendo o tempo todo que o seu bom amigo não a poderia ajudar nisto. *Maldito Ian*. Como podia ele tê-la abandonado ao mesmo tempo que a cerzia ao próprio tecido da sua vida, à empresa em que derramara o seu sangue e suor, a que dera a sua própria essência?

Jamais se sentira tão encurralada.

Que se fosse lixar. Renunciara a ambas — à sua empresa e a ela, as duas coisas que professava mais estimar no mundo. Ela era um destroço que ele deixara para trás. Deixar que a sua empresa fosse outra caricatura, não era nada com ela. Tempos houvera em que se sentira arder viva por saber que ele estava a sofrer, e por lhe ter negado a oportunidade de oferecer consolo. O desgosto e dor que sentira com a sua ausência tinham sido tão grandes, a ansiedade pelo seu bem-estar tão imensa, que a tinham deixado num caco. Seguramente, nada mais lhe restava para dar.

A despeito dos seus pensamentos, a pungente memória da última vez que ela e Ian tinham feito amor trespassou-lhe a consciência.

Diz-me que me amas.

Amo-te tanto.

Sempre.

Sim. Sempre.

— Tal como disse, entendo porque tens estado determinada a não te

envolveres — disse Lucien, trazendo-a de volta ao crispado momento presente. — As pessoas tendem a encolher-se quando sofrem para tratar das suas feridas. É muito natural... instinto de cura. Mas continuo a pedir-te que faças isto, Francesca, e não por mim.

Ela a custo controlou um estremecimento de desgosto. Fez uma careta e desviou a cara do olhar fixo de Lucien. Ele falava da dor dela e respetiva reação a ela, evidentemente, mas referia-se à de Ian, também. Não era isso que ele estava a fazer? A esconder-se num buraco e a lamber as feridas?

— Encontrar-me-ei com todos vós e verei o que têm a dizer, mas não prometo nada — disse-lhe crispada.

Ele assentiu uma vez. — É tudo o que eu peço.

O primeiro grande golpe foi ver o vasto gabinete de Ian, a verdadeira imagem de luxo austero e masculino, e a familiar vista de canto do rio e recorte citadino. O seu coração palpitante bateu ainda com mais força ao ver os rostos ansiosos e inquietos dos avós de Ian, Anne e James Noble.

Ela adorava Anne e James. O confrontar da dura e crua realidade de que ela já não estava destinada a ser parte da família deles transformou o facto de respirar, quanto mais de falar, num desafio por alguns segundos. Limitou-se a assentir polidamente com a cabeça quando Lucien a apresentou ao primo de Ian, Gerard Sinoit.

O único lugar livre à mesa de conferências de reluzente madeira de cerejeira era à cabeceira. Francesca foi forçada a tomar o assento. — Obrigada — disse baixinho uma vez sentada, sustendo brevemente o olhar de Lin Soong quando a assistente executiva de Ian depôs uma soda-lima diante dela. Lin estendeu abruptamente a mão e apertou a sua, como sempre uma genuína compaixão e cordialidade contrastando vividamente com uma beleza desprendida e polida elegância profissional. Francesca virou a mão e retribuiu o cumprimento, grata pela subtil demonstração de apoio naquelas circunstâncias difíceis.

— Lin, é bem-vinda na reunião se lhe agradar. Ninguém sabe mais acerca da Noble Enterprises à face da Terra, salvo o próprio Ian — disse Gerard amavelmente.

— Esta é uma questão para o conselho de administração decidir — disse Lin com um sorriso. — Estou do outro lado da porta se puder ajudar.

Gerard olhou para Francesca no silêncio que se seguiu à saída de Lin. — Reconhecemos que isto deve ser muito difícil para si...

Francesca abanou a cabeça uma vez, e ele calou-se abruptamente. Ela esboçou um débil sorriso apoloético ante a brusquidão do gesto.

— Podemos simplesmente ir direitos ao assunto em questão? O que se passa com a Tyake?

Gerard pigarreou, olhando de relance de James para Lucien. Lucien limitou-se a erguer as sobrancelhas, expectante, e Gerard lançou-se numa descrição da oferta de aquisição, pela Noble Enterprises, do conglomerado de jogos e tecnologia. Francesca escutou atentamente, estudando-o enquanto falava. A sua apresentação era eloquente, confiante e entendida. Ela nunca se encontrara com o primo de Ian, mas sabia que Ian lhe chamava «tio» em criança, apesar de Gerard ter apenas mais oito anos que ele. Ian tinha apenas dez anos quando os avós o haviam encontrado e à mãe desaparecida no Norte de França. Quando regressara com eles à Grã-Bretanha, reservado e receoso, Gerard ajudara Anne e James a fazê-lo sair da casca e experimentar segurança pela primeira vez na vida.

Gerard parecia mais novo do que os seus trinta e nove anos, a camisa branca que vestia a par de um blazer espinhado realçando-lhe a figura bem constituída e musculada. O cabelo era de um castanho-avelã condizente com a cor dos olhos, mas ela logrou definitivamente divisar as ligeiras nuances de uma semelhança familiar. Um lampejo de aborrecimento percorreu-a ao pensamento automático quando perscrutava o rosto de Gerard.

Chegaria alguma vez o dia em que deixaria de comparar qualquer homem a Ian?

Sabia que Gerard era advogado, embora usasse primariamente a sua formação em leis para o ajudar a gerir os seus investimentos e propriedades, que eram consideráveis. Era proprietário de uma enorme e bem-sucedida empresa de eletrónica, detentora de lucrativos clientes privados e governamentais. Ela sabia que a Sinoit Electronics era uma das fornecedoras da Noble Enterprises, tal como Ian providenciara à Sinoit alguma tecnologia informática patenteada. Ian dissera-lhe no passado que Gerard possuía uma brilhante mente empresarial, e facilmente quadruplicara o valor da herança dos pais após a morte de ambos, que transitara para as suas mãos com a tenra idade de dezoito anos. Ele era o herdeiro do título de James Noble de Conde de Stratham, conquanto Ian viesse a herdar as propriedades e fortuna do avô. Como filho ilegítimo que era, Ian não podia herdar o título por lei. Em consequência disso, o título recairia no filho da irmã consideravelmente mais nova de James, Simone: Gerard, o parente masculino mais próximo e legítimo descendente de James. Francesca estava recordada de que Gerard era divorciado e não tinha filhos. Era igualmente rico e bastante bem-parecido. Todas essas coisas se haviam combinado para fazer dele um dos mais requisitados partidos da Grã-Bretanha. Ian costumava ocasionalmente aludir, com retorcido divertimento, ao facto de Gerard ser perito em esquivar-se à sôfrega perseguição da maior parte das mulheres,

enquanto seduzia sem qualquer esforço a seleta minoria que lhe agradava. Agora, Francesca entendia em primeira mão o que ele quisera dizer.

— Pelo que, como podem ver — dizia Gerard à laia de sùmula —, estamos em posição de fazer a necessária manobra para adquirir a Tyake. Requer-se rapidez de ação, contudo. Dada a crise financeira japonesa, o proprietário está desesperado para vender. Neste ponto, valoriza mais dinheiro vivo e rápido do que um bom negócio. Foi-me dado saber por Lucien que está ciente do quanto Ian desejava a Tyake? — perguntou, focando os olhos castanhos em Francesca.

Ela assentiu. — Ele fez várias ofertas, mas eles recusaram-nas sempre. Ele sempre lhes invejou o talento de programação. Disse que a Tyake contratara os homens e mulheres mais excepcionais do planeta antes de a comunidade empresarial do Ocidente compreender sequer o mercado. Presumo que os contratos de emprego serão transferidos para a Noble Enterprises com o negócio?

— Certamente — disse Lucien, inclinando-se para diante, com os cotovelos na mesa. — Esse era um elemento crucial da proposta de aquisição.

Ela transferiu a atenção para ele. Lucien tinha o benefício da experiência e conhecimento do hotel e conglomerado de entretenimento do pai adotivo, e estabelecera a sua própria marca na indústria de hotelaria e restauração.

— O que achas, Lucien? — perguntou.

— Acho que devemos fazer tudo o que pudermos para adquirir a Tyake. Acho que era o que o Ian queria. Mas não aconselharia a obtenção de capital para a compra através deste fundo de empréstimos de aquisição. Os contratos destas instituições podem ser mais traiçoeiros do que os dos bancos, e caso a Noble entrasse em incumprimento no mínimo ponto, poderia haver risco de...

— A Noble Enterprises goza de uma robusta saúde financeira — disse Gerard. — Não há razão para que entrasse em incumprimento no que quer que fosse. — Voltou a sua atenção para Francesca. — O tempo aqui é essencial. Podem passar-se semanas, mesmo meses, até que reunamos dinheiro suficiente pela liquidação de ativos. Este fundo de empréstimos de aquisição está disposto e pronto a dar-nos o capital para comprarmos a Tyake agora. Assim que tivermos uma palavra sua, obviamente, Francesca — acrescentou Gerard com um polido assentimento e um sorriso caloroso. Ela fez por sorrir de volta, mas parecia ter os lábios rígidos e petrificados.

— E suponho que ninguém aqui sentado admitirá estar em contacto com Ian? — perguntou, a sua voz soando mais forte do que esperara ao dizer o nome de Ian. Examinou à vez cada rosto em torno da mesa. — Porque

essa seria a solução mais simples: meramente obter a certificação de Ian do que ele gostaria que fizéssemos.

— Francesca... — começou Anne Noble, com uma expressão destrocada no rosto enrugado mas ainda encantador.

— Estamos a dizer a verdade quando referimos que não fazemos ideia de onde o Ian está — terminou James por ela. Cobriu a mão da mulher com a sua num gesto de conforto. — Não ouvimos uma palavra dele. O Gerard e o Lucien sabem tão pouco como nós. Estamos todos... todos e cada um de nós... ignorantes do seu paradeiro e bem-estar, e doentes com isso.

Ela sentiu a verdade do que eles diziam, intuindo a infelicidade do casal. Com uma dor aguda, constatou que esta era a segunda vez na vida do casal em que um ente querido desaparecia. Helen, a mãe de Ian, estivera desaparecida por mais de uma década antes que a descobrissem finalmente, débil e psicótica, sob os cuidados de um menino com modos de adulto, uma criança forçada a crescer muito antes da devida altura.

— Peço desculpa — disse Francesca, reconhecendo que na sua angústia atacara quem não merecia. Havia mesmo tido esperança de que alguém confessasse estar em contacto com Ian. Desviou o olhar dos olhos de Anne pois a dor que neles viu era um reflexo por demais exato da que ela própria sentia. — O que pensam da proposta de compra? — perguntou, valorizando não só a longa experiência de vida de James em administrar os seus vastos bens, como o aguçado entendimento empresarial de Anne, advindo da sua sábia gestão alguns dos mais ricos fundos caritativos do mundo.

— Sei até que ponto o Ian cobiçava a Tyake, e concordo que o tempo é essencial — disse James.

— Tal como eu — secundou Anne.

— Até mesmo você teria de concordar que a rapidez de ação é necessária, não é verdade, Lucien? — perguntou James.

— Sim, mas prudência é sempre igualmente crucial — replicou Lucien baixinho.

— Já usámos este fundo de empréstimos de aquisição sempre que necessitámos de fazer uma compra rápida nas nossas especulações — disse Anne a Francesca. — Sempre foram fiáveis. Gerard tem estado a trabalhar incansavelmente nos últimos quatro dias para concretizar este negócio.

— Obrigada por todo o trabalho árduo — disse Francesca a Gerard.

— Não foi nada. Fiquei mais do que satisfeito por fazê-lo pelo Ian.

James esboçou um meio sorriso e olhou de relance para o sobrinho. — Gerard sempre esteve disposto a sacrificar o seu valioso tempo pelo Ian. Lembras-te daquela motorizada que nós os três montámos quando o Ian veio viver connosco em miúdo? Estavas certo quanto a isso. Ajudou-nos

realmente a estabelecer laços com o Ian... a deixá-lo um bocadinho mais confortável numa terra estranha com gente estranha — cismou James, com uma expressão longínqua e um pouco triste.

Gerard sorriu. — Se ao menos pudéssemos fazer algo tão simples agora para estabelecermos ligação com ele. Ele precisa da família agora mais do que nunca — disse, assentindo na direção de Lucien como que a incluí-lo. O que confirmou a suspeita de Francesca de que Gerard sabia que Lucien e Ian eram meios-irmãos. Quanto mais saberia ele a respeito do pai de ambos, Trevor Gaines, e da detestável história de Gaines, é que ela não sabia. Anne e James conheciam toda a verdade, mas não estava certa da posição deles quanto a contar a Gerard.

Lucien mexeu-se na cadeira às palavras de Gerard. Estaria ele tão desconfortável com toda aquela conversa da família de Ian como ela própria estava? Ela era a pessoa mais deslocada ali, mas talvez Lucien a seguisse de perto. É certo, os Noble haviam aceitado o penoso destino que unia Lucien e Ian como parentes de sangue, mas nem Lucien nem ela podiam clamar os laços íntimos de história familiar que só anos de vivência e amor providenciavam.

— Estás pois desconfortável com tudo isto, Lucien? — incitou Francesca gentilmente.

— Gostaria de examinar as nossas opções. Tal como disse, estes contratos com companhias de empréstimos de aquisição podem ser extremamente delicados e retorcidos. O Ian não era dado a usar estas companhias, a menos que fosse nas mais extremas circunstâncias.

— O Ian já as usou no passado sempre que queria arriscar num negócio — disse Gerard. — Perguntei à Lin há pouco, e ela assegurou-me ter sido assim em duas outras ocasiões em que o Ian reconheceu que o tempo era crucial.

— Ele escolheu não as usar em dezenas de outras ocasiões, e sempre fez o que podia para o evitar — disse Lucien.

— E há outras opções, não há? — perguntou Francesca. — Poderíamos liquidar alguns ativos para a compra?

— Não — corrigiu Lucien, transferindo o olhar de Gerard para Francesca. — *Tu* poderias, Francesca. O Ian deixou-te apenas a ti poderes de procuração para liquidações e aquisições de tão grande monta.

Francesca assentiu, esperando disfarçar convenientemente quão subjugada se sentia ao estudar os quatro outros rostos à mesa. Tentou imaginar o que Ian queria. Uma voz na sua cabeça exigia cautela.

Não lhe agradava minimamente que a voz fosse a de Ian.

— Concordo com o Lucien — disse por fim. — No mínimo dos mínimos, gostava de ter a oportunidade de verificar bem o negócio em detalhe

antes de decidir. Claro está, precisarei de todos os vossos conselhos. Como todos sabem, sou artista, não empresária.

— Será um prazer prestarmos qualquer esclarecimento que possamos — assegurou Gerard. Lançou a James um sabedor olhar de viés. — Além disso, o Ian disse certa vez ao James e a mim que a estava a preparar regularmente em questões empresariais e que a Francesca tinha uma compreensão mais inata das complexidades financeiras do que alguns dos seus executivos de topo.

Talvez Gerard houvesse pensado que ela se sentiria lisonjeada pelo cumprimento de Ian, pois o sorriso fraquejou-lhe ao ver a expressão dela. Levantou-se abruptamente.

— Posso levar comigo uma cópia da proposta?

— Evidentemente, a Lin tem uma preparada para si — disse Gerard, levantando-se também. Era quase tão alto como Ian. — Mas nós... isto é, o James, a Anne e eu... íamos sugerir que ficasse connosco durante os próximos dias. Será mais fácil do que a Francesca tentar contactar-nos por telefone sempre que tiver uma questão. Podemos aproveitar alguns serões prolongados para analisarmos o negócio juntos.

— Pode tirar uns dias da sua pintura? — perguntou Anne. Francesca hesitou ao ver os olhos azul-cobalto da idosa senhora. Ian herdara os olhos da avó. — Gostaríamos tanto de passar algum tempo consigo. O James e eu sentimos a sua falta.

— Também eu sinto a vossa — disse honestamente Francesca antes que se pudesse deter. Examinou o grão polido da mesa de madeira, esperando retomar a compostura.

— Posso arranjar alguns dias, julgo eu — disse passado um momento. — Acabei agora mesmo uma peça destinada a um presente de Natal para a mulher do comprador. Estava a planear tirar uma folga até ao Ano Novo.

— Terá de me contar tudo a respeito do seu trabalho, e de como correu o seu projeto final na faculdade. Anseio por saber acerca de tudo na sua vida. Temos tanto que pôr em dia, à parte este negócio — disse Anne calorosamente, indo direita a ela e tomando-lhe a mão. Impulsivamente, Francesca deu-lhe um abraço, sorrindo tremulamente ao familiar odor do perfume de Anne.

— Gostaria muito — disse Francesca.

— Ótimo. Bem, está tudo assente, então. Porque não obtemos aquilo de que precisa da Lin e vamos para o *penthouse*? Podemos jantar juntos — disse Gerard.

— Para o *penthouse*? — perguntou Francesca entorpecida.

— É lá que ficamos todos durante a nossa estada aqui em Chicago. Espero que não haja problema — disse James em tom conciliador. — Sei

que o Ian lhe legou o usufruto das suas propriedades, mas apercebemo-nos de que não estava a residir lá. E a Anne disse... isto é... bem, que não tinha conseguido apanhá-la para lhe falar dos nossos planos — disse James, constangido. Francesca sentiu as faces ruborizarem-se ante a forma delicada com que ele lidou com o facto de ela ter vindo a ignorar telefonemas e a apagar os emails dos avós de Ian. — A Eleanor implorou-nos que lá ficássemos e não num hotel — continuou James, referindo-se à governanta de Ian, a Sra. Hanson, serviçal de longa data e leal amiga da família Noble. — Pobre senhora. Está muito só a perambular sozinha por aquele casarão. Sente falta da família. Sente a sua falta.

A garganta de Francesca inchou desconfortavelmente. Que horrível era ela, por não ter visitado a Sra. Hanson ou mesmo telefonado. Sabia o quanto a governanta era doida por Ian. Devia estar tão solitária.

— Anseio por vê-la, então — disse Francesca, o coração batendo-lhe muito depressa. Ao reparar no olhar de Lucien fito nela, percebeu que a sua ansiedade não lhe escapara.

— Também lá estarás, Lucien? — perguntou, esperançosa.

— Receio que não. A Elise regressa de Paris esta noite de uma visita aos pais.

— Dá-lhe por favor um beijo meu — disse Francesca num tom lamentoso, pensando em todos os preocupados emails e mensagens de texto da vibrante e bonita mulher de Lucien que ela deitara para o lixo. Sentiu-se inundada de dor como se se tivesse aberto uma comporta. Até o casamento de Elise e Lucien ela perdera.

— Fá-lo-ei — disse Lucien, de sobrolho franzido. Via claramente a sua súbita aflição. Encaminhou-se rapidamente para ela e tomou-lhe a mão.

— Lucien, lamento... — começou Francesca, a voz fraquejando-lhe quando ele a puxou para a outra extremidade do vasto gabinete.

— Não lamentos, eu compreendo. Todos compreendemos — interrompeu baixinho. Olhou de relance para os outros que tagarelavam em surdina a uns passos. A custo, engoliu a súbita golfada de emoção.

— Simplesmente ocorreu-me de repente que nem te cheguei a perguntar pela tua mãe — disse com voz embargada, buscando-lhe o rosto. Quando Lucien transmitira as explosivas notícias de que ele e Ian eram meios-irmãos, um resultado fora o mergulhar de Ian na escuridão. O outro, bem mais feliz, fora o de que Helen Noble, que fora patroa da mãe de Lucien por um período de tempo, conseguira dizer a Lucien o nome da sua mãe biológica e a localização da terra onde ela residia em Marrocos. — Encontrei-a, Lucien?

O seu repentino sorriso foi um familiar lampejo de esplendor que lhe fez doer o peito, mas que a animou também. — Sim. Eu e a Elise localizámo-la

no verão passado. Não só a ela. À minha avó, ao meu avô, e tia e tio que têm ambos famílias enormes. A minha mãe nunca se casou, de modo que não tenho irmãos nem irmãs em Marrocos, mas tenho mais primos do que os que posso contar. A minha mãe está bem. Foi um momento muito... especial, o meu primeiro encontro com ela. Ela já nos veio visitar, a mim e à Elise, por duas vezes, e nós fizemos várias viagens até lá.

Ela assimilou a sua expressão exultante como um muito necessitado remédio. Sim, tinha vindo a evitar a dor fechando-se às pessoas de quem gostava, mas no processo saíra a perder nalgumas coisas maravilhosas, também.

— Fico tão feliz por ti — disse sentidamente. — Uma família inteira... toda de uma assentada.

— É mesmo incrível — concordou ele.

— Tu merece-lo, Lucien.

O olhar dele focou-a, perscrutador. — Escuta, Francesca — continuou em tom premente —, estou à tua disposição relativamente a este negócio. Relativamente ao que quer que seja — disse significativamente, de sobrançelas arqueadas. — Tudo o que tens a fazer é ligar, que eu virei ou farei tudo o que necessites para me assegurar de que estás confortável para tomar esta decisão.

— Obrigada — disse ela com gratidão. — Definitivamente, ligar-te-ei depois de ter lido toda a proposta e o contrato. Quero saber tudo a respeito desses potenciais riscos de que falaste. — Pôs-se em bicos de pés e beijou-lhe a face. Lucien envolveu-lhe o ombro com a mão.

— Estás certa de que queres ir para o *penthouse* do Ian? — murmurou, apenas para os ouvidos dela.

— Não — disse. — Mas se continuo a fugir do passado, jamais terei futuro.

Lucien nada disse, os seus olhos cinzentos parecendo inquietos no rosto de contrário sóbrio.

Francesca aceitou com um sorriso uma chávena de chá das mãos da Sra. Hanson e afastou para longe um monte de papéis.

— É de camomila. Ajudá-la-á a dormir. Bem precisada disso parece. Nunca a vi tão magra, e está com um ar cansado — disse a Sra. Hanson, percorrendo-lhe o rosto com o olhar inquieto.

— Obrigada. Trata tão bem de mim — disse Francesca, bebendo um golinho do líquido apaziguador e quente, esperando levar com ligeireza a preocupação maternal da Sra. Hanson.

Estavam todos os quatro — Gerard, James, Anne e ela — reunidos na

grande biblioteca-escritório de Ian a seguir ao jantar com vista a adiantarem trabalho. Anne encontrava-se sentada junto à lareira, lendo porções da proposta através de um par de óculos estilizados, com uma mantinha de malha sobre os joelhos. James e Gerard estavam sentados à mesa oval com Francesca, analisando diferentes partes do contrato e detendo-se frequentemente para responder às questões de Francesca. Nunca se impacientavam com o que ela desconfiava serem as suas perguntas de novata. O amável apoio de ambos fazia-a sentir-se humilde.

— Estamos nisto há horas — disse Gerard, inclinando o corpo longilíneo para trás na cadeira e aceitando o chá da Sra. Hanson com um gracioso obrigado. Olhou para o relógio. — São duas da madrugada. A Francesca parece mais morta que viva. Devia descansar. Podemos retomar o trabalho amanhã de manhã.

— Estou ligeiramente ensonada — disse Francesca, esfregando os olhos e sentindo-os arder. A Sra. Hanson olhou-a de relance, hesitante.

— Eu tinha originalmente pensado pô-la no quarto azul — disse a governanta, referindo-se a um quarto de hóspedes com que Francesca estava familiarizada. — Mas Gerard pensou...

— Que você é que é a dona desta casa, pelo que a suite principal é sua — interrompeu Gerard. — Tenho ficado nela, mas já tirei as minhas coisas há pouco, e a Sra. Hanson aprontou-a para si.

Anne virou bruscamente a cabeça. — Não me tinha dado conta — disse do outro lado da sala, soando ligeiramente alarmada. — Gerard, isso não me parece lá muito boa ideia.

— Não? — perguntou Gerard, confuso. Olhou para Francesca, fazendo-se-lhe luz na cabeça. — Apenas nos levará um instante a trocar. Estava a pensar apenas no seu conforto. Muitas das suas coisas ainda lá estão... — Calou-se embaraçado.

— É claro que estava. Obrigada — disse Francesca, brindando Gerard e Anne com um sorriso tranquilizador. — Não sou assim tão frágil. Mas estou cansada. Dou-vos as boas-noites. — Levantou-se e dirigiu-se a Anne, beijando-a na face.

Sentiu-se orgulhosa por sair tão calmamente da sala.

Deteve-se diante da porta de madeira elaboradamente esculpida da suite de Ian, assaltada de memórias. Viu o rosto impressionante de Ian de olhos baixados para ela, o desejo brilhando-lhe no olhar, falando num sussurro.

— *Nunca fizeste nada disto antes, fizeste?* — perguntara ele.

— *Não* — replicara ela, *tão ansiosa como excitada.* — *Tudo bem por ti?*

A boca retorcera-se-lhe ligeiramente numa expressão que desde então ela identificara como irritação perante algo que ele considerava uma fraqueza pessoal. — A princípio não. Mas quero-te tanto que tive de me forçar a aceitar a tua inocência.

Ela transpusera então aquele limiar nessa noite para um mundo de indizíveis desafios emocionais e deleites sensuais... para um reino de indescritível amor. A sua vida mudara para sempre.

E ali estava ela de novo, agora tão vazia e desolada como os aposentos em que Ian em tempos vivera, respirara e amara.

Ele *tinha* amado, não tinha?

Considerando a pergunta intolerável, inalou para tomar coragem e rodou a maçaneta. A porta abriu-se.

Parecia tudo mais ou menos na mesma: a luxuosa zona de estar diante da lareira, os quadros raros, a cama decadentemente sumptuosa de quatro postes, o luxuriante arranjo de flores frescas atrás do sofá, desta feita de hidrângeas brancas e lírios roxos. Não podia imaginar como tudo aquilo podia parecer tão familiar e inalterado, quando ela se sentia tão diferente.

Cinco minutos depois, saiu da casa de banho, hesitando junto de uma reluzente escrivaninha antiga. Num movimento rápido, como se soubesse dever suportar a dor, mas quisesse despachá-la logo, abriu uma gaveta estreita. Tirou para fora um invólucro de seda negra e fitou, com o alento alojado nos pulmões, o requintado anel de platina e diamantes. Recordava-se perfeitamente da frieza do metal quando Ian lho fizera deslizar no dedo, o som da sua voz baixa e rouca proferindo aquelas preciosas palavras para sempre gravado na sua memória.

— Sim — replicara ela simplesmente, a visão de Ian desfocada através de um véu de lágrimas.

— Receio estar a ser egoísta — dissera ele singelamente.

Ela pestanejara e a imagem dele ganhara nitidez. — O amor nunca é egoísta. Estás a correr um risco. Não penses que não o sei. Pessoalmente, acho que é a coisa menos egoísta que alguma vez fizeste — sussurrara ela, tocando-lhe no maxilar rijo, desejando poder suavizá-lo... levá-lo a ser um pouco mais gentil consigo próprio.

A gaveta fechou-se com força.

Sentou-se na beira da cama nada mais vestindo do que o top que usara debaixo da blusa e um par de cuecas. Tinha camisas de dormir no quarto de vestir, mas estava demasiado exausta para ir lá aquela noite, demasiado frágil para inalar o odor de Ian. O cheiro que lá se fazia sentir era o que ela mais associava a ele — a sua colónia apimentada e única, a fragrância

da roupa acabada de lavar das suas camisas, o couro das fiadas e fiadas de sapatos, o aroma a cedro dos suportes e das formas de calçado.

Aventurar-se-ia no *closet* no dia seguinte. Hoje, recorria a todos os seus recursos só para se empoleirar na cama onde tinham dormido nos braços um do outro, sussurrado palavras de carinho e feito amor incontáveis vezes.

Doía tanto, mas, por alguma razão, nessa noite ansiava por essa dor.

Desligou o candeeiro de cabeceira e enfiou-se apressadamente debaixo das cobertas antes que pudesse mudar de ideias. Aquilo era *bom* para ela, disse para consigo mesma. Era terapêutico confrontar de uma vez as suas memórias. Talvez depois de ali ficar mais uma ou duas noites enquanto esmiuçavam os detalhes de aquisição da Tyake, ela ganhasse alguma perspectiva... alguma liberdade para si própria. Não era muito diferente de visitar uma sepultura, era? Precisava de aceitar o vazio da suite, da cama.

Precisava de deixar ir Ian, de uma vez por todas.

Em vez de mergulhar o quarto em completa escuridão, como usualmente acontecia quando ela apagava a luz, permaneceu uma luminescência. Constatou que havia uma lâmpada acesa na distante zona de estar, muito difusa. Considerou levantar-se para ir apagá-la, mas algo parecia tornar-lhe o corpo pesado contra o colchão. Já fora suficientemente difícil enfiar-se dentro daquela cama uma vez essa noite. Preferia não ter de o fazer de novo.

Cerrou as pálpebras com força, tentando evitar as esvoaçantes memórias de partilhar a cama com Ian, do seu toque, da sua voz baixa e autoritária... da sua mestria sobre o corpo dela. A pele formigou-lhe à recordação de sensuais memórias. Embora soubesse que os lençóis eram lavados, imaginou sentir o odor dele quando premiu o nariz contra a almofada. Inalou profundamente e emitiu um som sufocante, e não porque abominasse a fragrância.

Porque não suportava viver sem ela.

Ele ouviu o distante gemido de tristeza, viu o movimento sob a roupa de cama. Observou, rígido de atenção, intentando com toda a força que ela a arredasse para trás. Ela assim fez com um grito abafado de frustração.

O olhar dele percorreu-lhe, esfomeado, os membros longilíneos, lisos e brilhantes, os seios sobressaindo contra o algodão branco justo, as mãos pálidas movendo-se freneticamente. O cabelo louro-escuro com laivos ruivos estava espalhado na almofada em luxuriosa, voluptuosa disposição. As pernas torneadas apartaram-se. O corpo dele pôs-se imediatamente a postos, trespasado de excitação quando os dedos dela deslizaram sob as cuecas e esfregaram. Ele não ouviu, mas imaginou o suspiro através dos tentadores

lábios rosa carregado: um suave canto de sereia. Ela parecia sobrenaturalmente focada, desvairada na sua missão, lutando por alívio como se lhe faltasse o ar para respirar. Ela tentara-o antes, sentiu ele — uma e outra vez — sem nunca o concretizar.

Que destroço, que espanto de mulher.

A mão que não estava ocupada entre as coxas movia-se-lhe febrilmente sobre o corpo, cobrindo anca, costela e seio. Arredou para trás o tecido quase com raiva. Ele amaldiçoou silenciosamente a luz difusa, desejando ver mais claramente a carne firme e pálida e os grandes bicos róseos de fazer água na boca, querendo sentir a pele suave deslizar-lhe pelos lábios adentro, ansiando por chupá-la até que os seus gritos lhe enchessem os ouvidos.

A mão dele movia-se agora com a mesma avidez da dela entre coxas. Seria imaginação sua, ou ter-se-ia o matiz das faces dela aprofundado, a sua cor pálida eco da luxuriosa boca e dos mamilos bojudos? E seria aquilo o molhado de lágrimas que ele via brilhar na superfície lisa? Era tão difícil de discernir com o inadequado olho da tecnologia.

Tão desvairada. Tão desesperada. Tão bela.

Ela baixou as cuecas num gesto impaciente. Ele deteve-se com a mão em torno da verga intumescida a meia haste.

Jesus. Que pito. A cor dos cabelos entre as suas coxas era um tudo-nada mais escura do que na cabeça. Ela afastou as pernas, e ele sibilou ao inalar. Focou a câmara mais de perto sobre as delicadas e afogueadas dobras de carne, a sua antecipação agudizando-se. Os dedos dela enterraram-se entre os lábios da vulva. Apartou mais as coxas, revelando a carne rósea, molhada, succulenta. Ele gemeu roucamente quando ela beliscou vigorosamente um mamilo, os seus dentes brancos cerrados lampejando na obscuridade à medida que contorcia a cabeça sobre a almofada. Gritou, e, desta vez, ele ouviu o nome.

Deu um safanão na cadeira, resmungando em surdina uma empolada imprecação.

Ela odiava-se pelo que estava a fazer, mas não parecia conseguir parar. Precisava dele — do aguçado gume de excitação — mesmo sabendo quão vazia se sentiria a seguir ao jorro de prazer, mesmo sabendo que teria de suportar o inevitável vazio.

— Ian — chamou, vendo claramente em imaginação o seu rosto atramente rígido de lascívia enquanto olhava para ela contorcendo-se-lhe sob a palma da mão. Ele imobilizava-a para o prazer, forçando-a a tomar a estimulação na sua forma plena e não diluída, jamais lhe permitindo contorcer-se

e esquivar-se. Ele era sempre tão implacável a extrair felicidade dela, observando sempre tão esfomeado à medida que ela cedia à sua mão e boca e pila, parecendo beber-lhe o absoluto contentamento, como se o prazer dela fosse a sua razão de existir.

Francesca abafou o grito de surpresa, com um sobressalto de abalo quando o pronunciado bater à porta lhe penetrou a densa excitação. Sem pensar, tapou com as cobertas o voluptuoso desalinho em que deixara a cama. Teria trancado a porta?

— Francesca? — chamou alguém.

Aturdida pela interrupção — pelo facto de tão facilmente ter sucumbido a um desesperado desejo na cama de Ian —, saiu de um salto de sob as cobertas, correndo através da suite qual culposa fugitiva.

— Só um momento! — gritou.

Captou uma confusa imagem da sua pessoa no espelho enquanto rapidamente lavava as mãos e vestia um roupão — o cabelo louro-rosado espalhado por todo o lado, as faces ruborizadas, se de excitação ou de embaraço, não sabia dizer. Tentou alisar as longas madeixas revoltas antes de sair a correr da casa de banho.

Gerard parecia muito alto postado na sombra do limiar da porta quando ela a abriu de rompante. Envergava roupa de dormir — calças de algodão, chinelos de couro e um luxuoso roupão azul-escuro. Ela vislumbrou o pelo castanho-escuro encaracolado no decote em V no peito.

— Peço muita desculpa por incomodá-la — disse ele fervorosamente, as sobrancelhas inclinadas de inquietação.

— Tudo bem — disse ela esbaforida. — Passa-se alguma coisa?

— Não... quero dizer, espero que não. — Reparou na confusão dela. — Estava a aprontar-me para me deitar quando me assaltou a culpa por ter dito à Sra. Hanson que preparasse este quarto para si. Não é minha intenção ser insensível — disse, a boca recurvando-se em retorcido pedido de desculpas —, mas sou-o frequentemente, todavia. Ou pelo menos era isso que a minha ex, Joana, costumava dizer. Sou acima de tudo prático. Esta é a suite mais luxuosa, contendo muitos dos seus pertences pessoais, e eu senti-me um intruso nela, sabendo que você iria ficar aqui também. Escaparam-me obviamente as maiores subtilidades em questão. A Anne ficou bastante irritada comigo. Peço desculpa.

— Não se rale com isso, por favor. Eu estou ótima — assegurou, a sua voz sussurrada automaticamente igualando a dele.

— Tem a certeza? — Ela sentiu-se tocada com a óbvia inquietação dele. — Ainda não me meti na cama. Ainda poderíamos trocar de quartos com toda a facilidade.

Ela abanou a cabeça e esboçou um arremedo de sorriso. Sentia-se

dilacerada por aquelas circunstâncias únicas, o seu mais recôndito âmago exposto ao olhar inquieto dele. — Não, a sério. Estou ótima.

Ele assentiu uma vez — Se tem a certeza. Deixá-la-ei descansar, então. — As sobrancelhas dela levantaram-se quando ele hesitou. — Dir-me-ia? Se houvesse alguma coisa que eu pudesse fazer para ajudar? Fosse o que fosse?

As faces dela afoguearam-se. Julgara ter tido uma atuação perfeita, mas obviamente Gerard vira mais fundo.

— Claro. Mas, tal como disse, estou ótima.

— O Ian sempre disse que você era muito forte — disse ele, o olhar dele pairando sobre as feições dela.

— Sempre disse que você estava presente quando ele precisava — retribuiu ela. — Vejo agora o que ele queria dizer.

Ele esboçou um sorriso simpático — fácil e desafetado... cativante. — Teria esperado travar conhecimento consigo em circunstâncias mais ideais. Mas não posso dizer que lamente tê-la conhecido finalmente. Você é tudo o que o Ian louvava. Boa-noite.

— Boa-noite — disse ela baixinho, fechando a porta nas costas dele.

Ele estudou cada detalhe do rosto dela enquanto sucumbia ao prazer, arrebatado pela sua expressão de agonizante êxtase, excitado até mais não pelas suas lamúrias e agudos gritos. Apressou-se a focar a vista bem sobre os seus olhos, e repôs então a mão no pau dolorido e intumescido. O seu punho martelou implacavelmente no mastro, o rígido apertar à medida que arremessava por cima da cabeça túmida, fazendo-o estremecer e grunhir asperamente. Esforçou-se por não pestanejar enquanto ejaculava, o sémen esparramando-se-lhe negligentemente por sobre a mão, pulso e ventre.

Não queria perder uma fração de segundo que fosse da rendição de Francesca.

Ela caiu inerte no colchão, os joelhos dobrados em posição fetal, ofegante, os dedos húmidos cravados no lençol. Assaltou-a de um jorro, tal como ela sabia que aconteceria. Era sempre assim na sequência do clímax pela sua própria mão, agora que Ian se fora. Nessa noite a repulsa que sentia pela sua fraqueza era mais aguda que de costume, deitada na cama dele, recapitulando memórias que sabia dever deixar ir. A profunda tristeza que sentia sufocava-lhe a garganta, parecendo matraquear-lhe o coração no peito, perfurar-lhe a medula dos ossos.

Como podia ele fazer-lhe isto? Odiava-o por isso.

Acordara nela nervos, carne e alma, fizera-a sentir-se mais viva do que alguma vez se sentira na vida, para simplesmente a deixar sozinha, uma conflagração humana amaldiçoada a arder incessantemente, sem propósito... sem qualquer esperança de paz.



Capítulo

DOIS

Ian afastou para o lado um guarda-fato, o movimento fazendo com que uma perna caísse da velha peça de mobília, que pendeu desajeitadamente para o chão. O painel traseiro caiu com novo estrondo. Ele tossiu ao inalar o pó que se levantou do chão qual nuvem miniatura em forma de cogumelo.

O maldito sótão era uma ameaça, pensou furiosamente, piscando os olhos para afugentar o pó. *Todos* os sótãos eram. Já tinha contado seis até à data no Solar Aurore de estilo gótico, cada um deles no topo de várias torres e torreões. Aquele lugar era um verdadeiro viveiro de esconderijos, de pó e coisas esquecidas, de oficinas repletas de excentricidades de Gaines e fascinantes inventos patenteados... de ocasionais perversidades que gritavam a depravação de Gaines.

Uma casa repleta de segredos. O covil de Trevor Gaines. Gaines: rico aristocrata, brilhante inventor de ardilosas máquinas e relógios, condenado violador e reproducionista em série. Um pervertido doentio que se deleitava a ter sexo com tantas mulheres quantas pudesse, e a engravidá-las quer por manipuladora sedução, quer por violação.

Trevor Gaines, pai de Ian.

Ele sabia pela pesquisa que fizera do historial de Gaines que a polícia acartara dali para fora provas relevantes, aquando de uma busca, após Gaines ter sido preso pela violação de uma mulher chamada Charity Holland há uns vinte anos. Fora então que tinham descoberto dois vídeos que Gaines fizera secretamente dele próprio a violar duas mulheres, uma

delas Charity Holland. A polícia não tinha levado todas as provas incriminadoras, no entanto. Ian estava convencido de que eles mal tinham arranhado a superfície das provas dos crimes de Gaines. Fora tudo inteligentemente ocultado de olhos menos determinados do que os de Ian. Como a prova que ele descobrira no dia anterior, por exemplo.

De um compartimento oculto na antiga escrivaninha de tampo rolante de Gaines, Ian desenterrara diários-agendas impecavelmente conservados. No interior das agendas encadernadas a couro, na letra impecável e metódica de Gaines, estava um registo de mulheres e datas que se estendiam desde a altura em que Gaines tinha dezasseis anos de idade até à última entrada, aquando dos seus trinta e cinco anos. Centenas de nomes de mulheres estavam registados naquele diário ao longo de décadas. À medida que o tempo passava, as entradas iam ficando cada vez mais concisas e detalhadas. A princípio, Ian julgara que as datas se referissem a alturas em que vira ou possivelmente tivera sexo com as várias mulheres. Levou mais tempo a decifrar as marcas nas agendas com «x» ou círculos. Por fim, reparou no ritmo comum e chegou à doentia constatação de que Gaines mantinha o registo do ciclo menstrual e ovulatório de cada mulher. Ian descobrira a agenda de planeamento de Gaines para otimizar as eventuais fecundações.

Não fora capaz de comer durante o resto do dia depois de fazer essa amarga constatação.

O que poderia levar um homem a tais fins? Ian deixava-se consumir pela questão.

As suas esperanças para o sótão, nesse dia, tinham sido minimamente concretizadas até à data. A informação mais significativa que descobrira talvez tenham sido algumas cartas enviadas por Louisa Aurore ao seu filho nas idades de oito, nove e dezasseis anos, respetivamente — cartas que ela enviara a Trevor Gaines.

Apenas encontrara essas três cartas — o total de missivas que Trevor Gaines guardara em memória da mãe, ou toda a coleção que Louisa jamais escrevera ao filho. Ian tendia a acreditar na última teoria em desfavor da primeira. Pelo que apurara da sua avó paterna até à data na sua obsessiva busca, ela era uma cabra fria e sem coração. Mandara Trevor para um colégio interno, tinha ele sete anos, depois de ter desposado um novo marido. Ian tinha a impressão, por um par de cartas que Gaines escrevera a amigos, de que ele não se sentia infeliz por ter sido mandado para fora de casa. Odiava o novo padrasto, Alfred Aurore, ao que parecia, e acalentava um grande ressentimento contra ele por açambarcar para si toda a atenção da mãe. Tanto quanto Ian podia determinar, Louisa dispusera do seu filho único e prontamente fizera por esquecer que ele existia durante dez anos. Se Trevor experimentara alguma angústia pelo abandono da mãe, canalizara

tudo para os estudos, tornando-se bem conhecido como um dotado estudante de Matemática, Física e Engenharia. Demonstrava uma propensão particular para objetos mecânicos computadorizados, patenteando o seu primeiro invento — um componente de relógio — com a idade de dezoito anos. A amargura de Ian ainda mais aumentou ao admiti-lo, mas aparentemente devia alguma da sua argúcia matemática e empresarial, e quase todo o seu talento de programação e habilidade mecânica, ao seu miserável pai.

Tudo teria de bom grado sacrificado para ter um pai remotamente normal. A tudo teria renunciado para se purgar de Trevor Gaines.

Após a morte do segundo marido de Louisa com um ataque cardíaco aos quarenta e nove anos de idade, esta herdara todo o seu domínio. Já era herdeira da fortuna do avô paterno de Ian, um homem de nome Elijah Gaines. Fora a morte do segundo marido que precipitara a terceira e última carta quando Trevor tinha dezasseis anos. *Se nada melhor tens a fazer, também és livre de não vir passar o Natal a Aurore. Estamos em estado de luto profundo aqui, claro está, mas o facto pouca influência tem. Como sabes, nunca dei grande importância às festividades. Sem dúvida te sentirias mais feliz passando o Natal como de costume, na companhia da família do teu diretor, entretido com as tuas tolas máquinas e rodas dentadas.*

Que encantadora, carinhosa mulher, pensou Ian, franzindo o cenho enquanto afastava agressivamente a pontapé os restos bolorentos do guarda-fatos desfeito. Não que sentisse pena de Gaines. Nem num milhão de anos. A mãe de Gaines poderia ter sido parcialmente responsável por criar um doentio violador psicopata que claramente odiava mulheres não obstante a obsessão que por elas nutria, mas os crimes de Gaines em muito ultrapassavam a fraca desculpa de uma mãe egoísta.

Franziu o cenho, reparando que a desmembrada peça de mobília partira uma tábua do sobrado. Ajoelhando-se, afastou os destroços para o lado com malévola desconsideração, sentindo grande parte desfazer-se-lhe sob a mão impiedosa.

Enfiou a mão debaixo da tábua desfeita e puxou-a para cima, o estalar da madeira soando como um disparo de um tiro no sótão silencioso. Espiou algo pálido à luz difusa do entardecer que se coava através das janelas empoeiradas, os seus dedos indagadores tocando algum material elástico. Do compartimento debaixo do chão, retirou um corpete esburacado, e atrás dele um punhado de vários pares de cuecas femininas comidas pelas traças. Sobressaltou-se quando uma barata escapou a correr de um dos buracos, atirando as roupas deterioradas para cima do monte de lixo com uma interjeição de nojo.

Uma risada alta e áspera penetrou-lhe a atenção. Ian pôs-se rapidamente de pé, tomando sem pensar uma postura defensiva.

— Ele gostava de ficar com uma peça de todas elas... de todas as damas — zombou o homem corpulento e barbudo.

— Sai daqui, seu vagabundo. Quantas vezes tenho eu de te pôr a andar daqui para fora? Comprei esta casa. Agora é minha. Simplesmente não podes andar a entrar e a sair como costumavas fazer — disse Ian ferozmente, investindo através das tábuas do chão que estalava por todo o lado. Nada mais lhe agradaria nesse momento do que afundar o punho em carne. Seria um maldito escape visual bem melhor para toda a sua fúria e depressão do que passar a pente fino a imundície que Trevor Gaines deixara para trás da sua vida sem préstimo. Agarrou a parte da frente do sujo sobretudo do homem e empurrou-lhe o corpo grande e sólido contra a parede ao lado da escada, fazendo-lhe o ar sair com um silvo dos pulmões. Pressionou a aresta do antebraço contra a garganta do desgraçado, com o coração a martelar-lhe aos ouvidos numa ânsia de sangue. Apesar da aspereza do tratamento, Reardon logrou soltar uma risada rouca, o seu feroz divertimento ainda mais enfurecendo Ian.

— Pode ser, pode ser. — Os olhos de Reardon moveram-se através do rosto contorcido de Ian. — Pode ser que esta casa *seja* tua. Pode ser que o teu lugar *seja* aqui. Sei o que tu és.

Algures para lá da fúria que sentia, Ian ficou surpreendido. Falavam inglês um com o outro em vez do francês local, e conquanto a voz de Reardon fosse rude, o seu sotaque era bastante refinado. A gente das imediações estava de pé atrás com Ian, mas uns quantos recém-chegados à zona tinham-lhe dito o nome do foragido local que vivia ilegalmente algures na Mata Aurore, no domínio do solar. Ian expulsara Kam Reardon da mansão já por duas ocasiões. A princípio julgara que o vagabundo lhe estivesse a roubar víveres, mas não tardara a constatar que a despensa não fora tocada. Com o tempo, começara a suspeitar que Reardon andava a surripiar equipamento e materiais eletrónicos da oficina de Trevor Gaines. Só agora constatava, no entanto, que Reardon era capaz de articular mais do que duas imprecações e um grunhido de enfiada.

— Também eu sei o que tu és — disse Ian entre dentes, dando um safanão ao braço de modo a silenciar o outro homem e fazendo-lhe embater a cabeça contra a parede. — És um gatuno e larápio e um desperdício de espaço ao cimo da terra.

— Não somos todos? Não somos todos os seus sórdidos restos, não melhores que aquelas cuecas desfeitas que acabaste de descobrir? Pensa só — disse Reardon numa voz sufocada, os olhos brilhando de maliciosa hilaridade. — Alguma daquelas coisinhas lindas pode ter sido da tua mãe.

Uma fúria esbraseada pulsou através de cada fibra do ser de Ian. Puxou o punho atrás para atacar, mas sem querer cruzou o olhar com o do vadio.

Uns penetrantes e luminosos olhos cinzentos trespassaram-no através de um rosto ligeiramente encardido e coberto de barba. Os olhos de Lucien...

Foi como se uma bilha de água gelada lhe tivesse sido arremessada à cara.

Recuou abruptamente, tomado de horror. — Põe-te a andar daqui para fora — soprou asperamente. — *Já*, antes que eu te enterre neste lixo todo e lhe pegue fogo.

Os dentes de Reardon lampejaram surpreendentemente brancos e alinhados no seu semblante trigueiro. — Mesmo adequado, não? *Irmão*.

Ian encolheu-se, apercebendo-se de que deixara trair a verdade do que vira com a sua demonstração de aguda repulsa. Reardon endireitou-se e sacudiu o sobretudo, como se fosse um príncipe ofendido envergando o mais fino dos casacos e não algo parecendo ter sido apanhado do lixo. Com a boca retorcida, os olhos flamejantes, inclinou-se para diante. — Tem cautela — soprou Reardon suavemente. — Pareces-te horrivelmente com ele, a vaguear por este lugar. As pessoas hão de começar a jurar que o fantasma do nosso querido paizinho anda a assombrar este aterro de lixo.

Ian fechou os olhos ao som das pesadas botas de Reardon nas escadas, lutando por engolir o sabor amargo que tinha no fundo da garganta.

Mais tarde nessa noite, empurrou para o lado o jantar intocado, oriundo na sua maior parte de uma lata. Levantou-se para retirar a refeição do aposento que tinha a uso e reparou no seu reflexo no espelho. Após um momento de crispação, depôs o prato e o copo sobre a poeirenta cómoda, esquecida a sua missão. Perscrutou a sua imagem mais de perto.

Quando é que se tinha a sua barba de dois ou três dias transformado numa floresta de cabelo? Onde fora ele buscar aquele olhar de fera nos olhos? Quando tinha ele começado a parecer-se com Kam Reardon?

A parecer *pior* que Reardon?

Pareces-te horrivelmente com ele. As pessoas hão de começar a jurar que o fantasma do nosso querido paizinho anda a assombrar este aterro de lixo.

Sibilou, esmagando o punho na cómoda e atirando o prato de porcelana ao chão de madeira, onde se fez em cacos.

Estúpido pulha. Ian não era nada como Trevor Gaines. A razão por que comprara aquela casa miserável, para passar cada coisa a pente fino nos seus quartos transformados em viveiros de ratos, era purgar esse criminoso da sua mente e do seu corpo. Era uma espécie de exorcismo.

Ele está-te na massa do sangue, recordou-lhe uma voz sórdida na cabeça. *Nunca te hás de livrar da sua mácula.*

A sua outra vida — a outrora metódica, organizada e estéril vida que tinha sido recentemente transformada por Francesca, abençoada de luz, riso e amor — começava a parecer-lhe um sonho, uma fugidia memória que ele

não lograva exatamente palpar com os seus dedos em garra. O seu mundo começava a transformar-se num aguado pesadelo — não aterrorizante, necessariamente, mas sujo e cinzento, vago e sem sentido. Uma versão personalizada do inferno.

— Não — disse em voz alta e rouca, o olhar pondo-se-lhe feroz ao espelho. Ele *tinha* um propósito... uma meta. Assim que entendesse quem era Trevor Gaines, uma vez que abarcasse porque se tornara o seu pai biológico tão depravado, mais facilmente se poderia demarcar a si próprio do homem. Havia um método na sua loucura.

Atenta apenas para que a loucura não acabe contigo antes que o método funcione de todo.

Rosnou ao som da voz sardónica e provocadora — a *sua* voz, as suas próprias dúvidas quanto à sua missão irrompendo à superfície. Virou costas à visão da perturbadora imagem no espelho.

Só um bocadinho mais.

Procuraria só um bocadinho mais. Seguramente haveria alguma coisa naquela velha ruína que o ajudasse a identificar Gaines, categorizá-lo como definido e etiquetado espécime forense; algo que lhe permitisse captar com o cérebro o enigma de um homem que se havia tornado como que numa lança a perfurá-lo bem fundo, o cabo partido não lhe facultando agarrá-la e extraí-la nem deixando que a ferida sarasse de vez.

Resmungou uma imprecação em surdina e atirou-se para cima da alquebrada e poeirenta cama de dossel, fitando o teto. A sua fúria tornara-se sua constante companheira. Era a única coisa que alguma vez penetrava o seu torpor, abatendo-se sobre ele em vagas selváticas e assustadoras.

Não. Havia uma outra coisa que o fazia sentir, mesmo ali naquela pardacenta terra devastada: a dor aguda do desejo. Contra a sua vontade, o belo e angustiado rosto de Francesca assomou-lhe em imaginação tal como a vira na noite passada no ecrã do seu computador, a imagem assomando a torturá-lo. Cerrou as pálpebras com força, tentando banir a evocativa e assombradora imagem... e fracassando.

Como de costume.

Ele fazia aquilo por ela, recordou com furioso desespero. Se não exorcizasse os seus demónios, como poderia ele apresentar-se a ela com o mínimo de honra? Como poderia ele oferecer-se a ela com um espírito exaurido? Ela era leveza e calor. Cada olhar casual de relance que ela lançava na sua direção transportava mais amor do que ele alguma vez conhecera... mais do que ele fora alguma vez capaz de antever antes de ela entrar na sua vida.

Não... não se deixaria desestabilizar por Kam Reardon, mais um dos restos de Trevor Gaines. Não se deixaria soçobrar no caminho pelo seu louco meio-irmão.

Se não és como o teu perverso pai, como é possível que queiras fazer o que queres fazer neste preciso instante?

Fez um esgar ante a pergunta muda e sarcástica. Devia levantar-se da cama para fora, sair talvez para uma corrida noturna. Podia mergulhar em mais da pesquisa que reunira a respeito de Trevor Gaines, tentar ligar os díspares recortes de informação que recolhera, procurar um contorno com sentido... fazer *qualquer coisa* para focar a mente para bem longe do computador pousado na secretária.

Durante o minuto que se seguiu, permaneceu na cama, hirto e imóvel, uma batalha invisível travando-se dentro dele. O suor despontou-lhe na têmpora do esforço dispendido.

Todavia, não houve racionalizações nem silenciosos rogos de autocontrole que o demovessem de se levantar da cama e agarrar no computador. Ele era o que era, e aquilo, no mínimo, não podia ele controlar ou banir. Com uma sensação de lúgubre inevitabilidade — para não mencionar uma fome desenfreada combinada com uma saudável dose de autodesprezo —, sentou-se na cama e abriu o vídeo.

Era o equivalente a uma masoquista autoflagelação, mas fê-lo não obstante, sabendo por experiência que era impossível resistir ao anseio. Talvez Reardon estivesse certo. Talvez ele fosse como o seu pai.

Momentos depois, permanecia de olhos fitos, completamente transfigurado pela imagem do sublime rosto de Francesca à medida que o êxtase a assolava.

Continuou a observar mesmo depois de ter atingido o clímax. Não recolheu real satisfação da sua masturbação, mas aquilo fazia-o sentir. Era o equivalente a cortar a própria pele, uma das poucas coisas que penetrava o seu torpor.

Só se levantou quando as suas emanções arrefeceram sobre o ventre e experimentou um vago desconforto. Olhou de relance para o seu reflexo no espelho da casa de banho enquanto se limpava, uma vez mais lembrado da sórdida insinuação de Kam Reardon.

Uma vez mais a pensar em Kam Reardon, ponto.

Claro.

Reardon era mais um dos filhos biológicos de Gaines. Talvez a sua mãe tivesse vivido algures nas imediações. Uma coisa era certa, a gente da aldeia local insinuava que Kam já há algum tempo vivia ilegalmente na propriedade Aurore. Reardon, entre todos os nefandos filhos de Gaines, estaria provavelmente mais do que ninguém a par de mais segredos e vislumbres a respeito do pai. Bem poderia dar algumas respostas a Ian.

Pôs de lado a toalha e saiu da suite com uma recém-descoberta sensação de lúgubre propósito.

...

Na manhã seguinte, Francesca correu pelo corredor fora até à entrada do *penthouse*, desejosa de receber o visitante.

— Muito obrigada por vires — disse quando a porta do elevador se abriu antes sequer de avistar Lucien. — Mas não queria mesmo interromper, com a Elise acabada de chegar a casa.

— Calculei que sentisses isso, de modo que a trouxe comigo — disse Lucien, saindo do elevador na companhia de uma espetacular mulher loura com grandes olhos cor de safira.

— Elise — murmurou Francesca, dilacerada entre o desconforto pela sua súbita aparição após tão significativo intervalo na amizade de ambas e a genuína felicidade que sentia ao vê-la. O sorriso caloroso e travesso de Elise contrastava, como sempre, com a sua elegante beleza. Contribuiu igualmente e muito para ajudar Francesca a esquecer o seu embaraço.

— Não te zangues comigo. Ele não conseguiu ver-se livre de mim — disse Elise, os olhos faiscando ao levantá-los para Lucien. — Ferrei-me a ele e não o deixei vir sem mim.

— Ainda bem que assim fizeste — disse Francesca, conseguindo esboçar um sorriso. As duas mulheres abraçaram-se. Francesca pestanejou repetidamente quando se apartaram e olhou para o rosto radioso de Elise. — Parece que acabas de chegar de uma visita aos teus pais? Deves estar... exausta.

Os lábios de Elise tremeram de divertimento. Partilhara histórias anteriormente com Francesca a respeito dos seus... *coloridos* e exasperantes pais. Louis e Madeleine Martin haviam sido em grande parte o motivo por que Elise fugira quando viera para Chicago, à procura de forma de dar um sentido à sua vida. Nem sempre era fácil para uma deslumbrante herdeira a quem haviam sido dados de bandeja todos os luxos materiais levar uma existência significativa, aprendera Francesca. Com a orientação e o amor de Lucien, e a determinação e talento de Elise, ela tinha feito exatamente isso, todavia.

— Exausta é uma forma de o descrever. Louis e Madeleine cobram sempre o seu tributo. Mas como estás tu? — perguntou Elise significativamente, as sobrancelhas unidas enquanto estudava Francesca.

— Ótima. Estou ótima — assegurou Francesca. — Simplesmente... felicíssima de te ver. Aos dois — acrescentou, levantando os olhos para Lucien. Baixou os olhos, fraquejando à visão dos olhares compassivos de ambos. — Peço desculpa por... sabes... evitar as tuas chamadas. Nada teve a ver contigo. Foi errado da minha parte. Sei disso, agora que vos vi aos dois outra vez...

— Nada disso, agora — admoestou Elise suavemente, pegando-lhe na mão, a naturalidade e elegância do seu gesto fazendo Francesca sentir-se

mais humilde. — Somos amigos. Eu e o Lucien sabemos o desgosto que tens passado.

— Obrigada — disse Francesca sentidamente, esperando que Elise percebesse a profundidade por trás da inadequada palavra. — Venham para dentro sentar-se. Arranjarei alguma coisa que bebermos.

Meia hora mais tarde, estavam os três sentados numa sala, Francesca num maple de orelhas e Lucien e Elise num sofá à frente dela, as mãos de ambos ligeiramente enlaçadas num gesto de estima e conforto. O compromisso de um para com o outro era quase tangível de observar. Ela congratulou-se por vê-los a ambos tão felizes, e contudo... sentiu uma dor surda no peito ante a inabalável, tocante exibição de amor.

Depois de Lucien ter acabado de falar, pousou a soda-lima que viera bebericando e recostou-se com um suspiro.

— Estou a ver. Entendo agora o que querias dizer ontem ao aconselhar cautela. Se a Noble entrasse em incumprimento à mínima coisa no contrato com a companhia de empréstimos de aquisição, as ações privadas de Ian poderiam passar para controlo alheio. — As mãos cerraram-se-lhe em punhos ao pensar em tudo o que Lucien acabara de lhe contar. — Tens razão, Lucien — disse após uma pausa. — O Ian era cioso da sua ideia de manter cem por cento das ações da sua empresa no setor privado. Não lhe agradaria correr riscos que pudessem ser evitados.

— Atenção, as probabilidades de ocorrer um incumprimento são muito pequenas — disse Lucien com justiça. — Mas contrariamente a um empréstimo bancário, a haver sequer o mínimo incumprimento, a companhia de empréstimos de aquisição poderia legalmente ficar com ações da Noble Enterprises como pagamento alternativo. Já aconteceu antes... e por vezes em ofertas de aquisição hostis. Não que esteja a dizer que alguém tenha alguma intenção dissimulada ou maliciosa nesta situação...

— Não, claro que não — disse Francesca. — Tal como disseste, é um método usado regularmente para realizar dinheiro rápido. Poderia ser um meio viável para fazer a aquisição da Tyake, não fosse o facto de significar tanto para o Ian manter a Noble Enterprises exclusivamente privada.

— Outras companhias talvez estivessem dispostas a correr o risco. As potenciais consequências são ínfimas.

— Mas não no caso da Noble Enterprises — completou Francesca, sustentando o olhar de Lucien. — Não no caso do Ian.

O ligeiro aceno de cabeça de Lucien disse-lhe que, na sua opinião, ela entendera perfeitamente.

— Deveríamos começar a procurar o dinheiro noutro lado, então. Não há razão para continuar a protelar — disse ela, inclinando-se para diante, subitamente preenchida por uma sensação de propósito. — Vens comigo

falar com o Gerard, o James e a Anne? Darei ouvidos à refutação deles, claro está, mas agora que entendo a tua cautela, não acho que possam dizer grande coisa que me faça mudar de ideias. Provavelmente não ficarão satisfeitos, depois de todo o trabalho que o Gerard investiu nisto. A Anne e o James são quase tão doidos por ele como pelo Ian. Fiquei com a impressão de que não há nada que ele possa fazer de errado aos olhos deles.

— Claro — disse Lucien, ajudando Elise a levantar-se. — Não te deixaria enfrentar isto sozinha.

Ela estava certa. Gerard, James e Anne ficaram inquietos quanto às suas dúvidas expressas relativamente ao plano proposto e no início argumentaram eloquentemente. Mas com o apoio de Lucien, e os relatos da própria Francesca de conversas passadas que tivera com Ian quanto ao seu desejo de manter a sua companhia sob seu exclusivo controlo a todo o custo, acabou por granjear a concordância deles. Até mesmo Gerard, que tanto tempo e trabalho investira na proposta, acabou por conceder que a decisão era dela, e disse que a seguiria e a apoiaria no que quer que escolhesse. Começou metodicamente a enumerar fontes de capital alternativas e a procurar soluções com o restante conselho de administração, a sua afaibilidade fazendo com que ela o apreciasse ainda mais.

— Temos imenso trabalho à nossa frente, e o tempo continua a ser essencial — disse Anne durante um aquietamento nas suas deliberações. Olhou preocupada para James. — E aqui estamos nós, com o Natal aí não tarda e o Baile de Núpcias logo a seguir.

— Baile de Núpcias? — perguntou Francesca, curiosa.

— Sim, eu e o James fazemos cinquenta e cinco anos de casados no feriado pós-natalício¹. — Anne abriu-se num sorriso para Francesca, primeiro, e logo para James, a sua expressão radiosa fazendo lembrar a Francesca uma mulher bem mais nova. — Teremos um grande evento na noite a seguir ao Natal. Belford Hall não vê uma festa assim tão grande há décadas. Habitualmente passávamos em Londres a temporada de Natal — acrescentou Anne num aparte para Francesca, que entendeu que eles tinham querido estar mais perto da filha, Helen, durante as festividades.

— Que maravilha. Não sabia. Parabéns — disse Francesca.

Algo pareceu ocorrer à idosa senhora. — Mas a Francesca virá! Claro.

¹ *Boxing Day* no original, ou dia 26 de dezembro — Feriado em numerosos países anglófonos, tradicionalmente dedicado a agradecer e ofertar presentes a criados e empregados e aos mais desfavorecidos. Hoje em dia, trata-se maioritariamente de uma festa comercial marcada por saldos. (N. da T.)

Eu de qualquer maneira sempre quis que viessem, à parte todo este negócio, a Francesca e... — Calou-se embaraçada, apercebendo-se do que estivera na iminência de dizer. Retomou a compostura. — Mas agora será uma absoluta necessidade que a Francesca esteja presente. Deveríamos estar juntos os cinco durante o processo de liquidação de ativos e de realização de capital, o Lucien incluído. Far-lhe-á bem, Francesca, uma mudança de cenário. Belford Hall é digno de se ver nesta altura do ano. Passaremos sossegados a Consoada e o dia de Natal, só em família. — Os olhos arregalaram-se-lhe de repente como se tivesse sofrido um choque elétrico. — Ocorreu-me agora! O plano perfeito.

James lançou a Francesca um olhar divertido. Estava claramente acostumado às ocasionais inspirações de génio de Anne e há muito desistira de a deter quando por elas era acometida.

— Disse ter acabado mesmo agora uma pintura e não ter ainda nenhuma encomenda para o Ano Novo. A sua próxima comissão será pintar Belford Hall — disse, como se fosse óbvio. — Eu e o James temos andado a pensar em contratar alguém para pintar um quadro desde as nossas bodas de ouro, mas nunca nos decidimos a isso. Deve ter sido o destino a fazer-nos esperar até agora. Nenhum outro pintor que eu e o James conheçamos combina as suas profundezas criativas e conhecimentos de arquitetura, Francesca. É a ideia perfeita!

A expressão divertida de James desvaneceu-se num ar pensativo. — Sabe que mais, a Anne tem razão, Francesca. É uma belíssima ideia. Você serial ideal para pintar Belford.

— Queremos que a pintura mostre o esplendor de Belford Hall na primavera... os bosques, os jardins. Não uma pintura grandiosa, como a que fez para o Ian para as Torres Noble; um quadro íntimo para a nossa sala favorita, onde a contemplaremos noite após noite — disse Anne, olhando carinhosamente para James. — Poderia começar os seus esboços preliminares da estrutura aquando desta visita, e regressar quando estiver tudo em plena floração — acrescentou, aparentemente fazendo planos à medida que falava.

— Bem... pode ser. Terei de pensar nisso — disse Francesca, confusa e desestabilizada pela mudança de assunto. Tinha de admitir, uma escapadela podia ser mesmo o que ela precisava. Nunca estivera em Belford, embora por diversas ocasiões tivesse ficado com Ian em casa dos avós dele em Londres quando visitavam Helen Noble no hospital. — Por acaso estudámos Belford Hall na faculdade. Seria fantástico vê-lo, quanto mais pintá-lo.

Anne tomou-lhe uma mão. — Estou tão ansiosa por lhe mostrar a minha casa.

Francesca abriu-se num sorriso ante a sua absoluta convicção, achando

reconfortador deparar-se subitamente com uma Anne que até à data apenas vislumbrara: a acutilante, imparável, calorosa, sedutora mulher que lograva levar as mais abastadas — e por vezes mais mesquinhas — pessoas do mundo a abrir os livros de cheques para as suas causas caritativas.

— E você virá também, Lucien — insistiu a condessa. — Não só por causa do negócio da Noble Enterprises, mas porque eu e o James sinceramente queremos conhecer melhor o irmão do Ian. Você faz parte da nossa família.

— Obrigado — disse Lucien, parecendo genuinamente comovido pela calorosa solicitação de Anne. — Mas este é o primeiro Natal que eu e a Elise passamos juntos. Duvido que ela aprove — acrescentou retorcidamente, falando por Elise que se encontrava na cozinha com a Sra. Hanson enquanto o conselho de administração *ad hoc* se reunia. Elise era chefe de cozinha, e apreciava observar e aprender com a experiente governanta.

— Pois então ela também virá! Considerar-nos-ia afortunados por termos connosco essa deliciosa e vibrante rapariga. Já a conheci em tempos, bem sabem — disse Anne à parte para Lucien e Francesca, com uma centelha provocadora nos olhos. — A filha do Louis Martin é sempre um sopro de ar fresco em qualquer formalidade. Garantidamente a alma da festa.

— Se um sopro de ar fresco significa um ciclone de palração, acertou em cheio no alvo no que toca à minha mulher — murmurou Lucien, retorcendo os lábios e abrindo-se num sorriso.

Francesca captou o divertido olhar de relance de Gerard e riu alto pela primeira vez no que parecia uma eternidade.

Foram todos para a Noble Enterprises nessa tarde encontrar-se com vários executivos da Noble e membros da equipa de fusão e aquisição. Fizeram uma pausa apenas para um breve e muito saboroso jantar juntos no Catch 35, onde Gerard os entreteve com histórias de família. Aparentemente, o pai de Gerard, Cedric, fora um grande amigo de James desde os tempos de juventude em Cambridge, e fora James que apresentara o amigo à sua irmã mais nova, Simone. Gerard desempenhou o papel de animador, regalando-os com histórias de James e do seu pai em rapazes. Pintou um quadro de Cedric Sinoit como sendo uma espécie de jovial palhaço, sempre a cogitar em hilariantes e inevitavelmente fracassadas tentativas de se sobrepor a James. Francesca riu uma vez mais com todos eles, as sombras do seu desgosto postas de parte por uns breves e vibrantes momentos.

As complexidades da aquisição continuavam a ser um desafio para Francesca, que se debatia para entender conceitos que eram uma segunda natureza para pessoas como Lucien e Gerard. Regressaram ao trabalho até tarde, estruturando um plano que pudesse ser levado a cabo metodicamente

ainda que o conselho de administração não estivesse fisicamente presente em Chicago.

Quando finalmente tornou a entrar na suite de Ian, já passava da meia-noite e estava mais que exausta. Depois de se forçar a entrar no quarto de vestir de Ian para tirar à pressa uma camisa de dormir e uma muda de roupa interior de uma gaveta, constatou que mais valia estar esgotada. Se estivesse fatigada, menos probabilidades havia de sentir com extrema profundidade.

Quando finalmente se encaminhou descalça para a cama após um duche e o ritual de deitar, estava mais morta que viva. Apesar da apreciação que sentia relativamente à sua exaustão, a visão da cama de Ian e o processo de abrir a luxuosa colcha pareceram trespassá-la de um indesejável choque de adrenalina.

Tirou um livro da carteira, determinada a escapar às suas rumações acerca do negócio, para não mencionar as evocativas memórias que lhe acudiam ao deitar-se na cama de Ian.

Releu o mesmo parágrafo quatro vezes, incapaz de assimilar o significado das palavras. Sentia os lençóis frescos e sensuais contra a pele aquecida do duche. Recordou-se vividamente da sensação divinal deles quando Ian a carregara do quarto privado de ambos por diversas ocasiões após uma ronda de desafiador e intenso ato de fazer amor. Olhou de relance para a porta apainelada fechada do lado esquerdo do quarto. Gerard dormira naquela suite. Teria ele tentado entrar no refúgio trancado?, interrogou-se desconfortavelmente. Suspeitaria ele do que se encontrava do outro lado?

Em tempos — apenas um ano atrás — teria descartado tais pensamentos como ridículos. Porque haveria um homem de suspeitar de coisas tão íntimas e de cariz sexual ao deparar-se com uma porta trancada? Ian tinha-lhe alargado os horizontes, todavia.

Recordou-se de uma noite em março passado em que Ian lhe tinha tentado explicar as coisas.

Estavam para ir jantar com Lin e um novo namorado em perspetiva no restaurante em voga de Lucien, o Fusion. Ian conduzira-a ao quarto privado primeiro. Ela seguira-o com uma sensação familiar de crescente excitação, apimentada apenas de um laivo de apreensão. Ele dera-lhe instruções para que se despisse completamente e prendera-lhe então os pulsos às correias que pendiam de ganchos na parede.

Ela esperara em ansiosa excitação depois de ele a ter posicionado, de pé com as costas ligeiramente dobradas para a frente, os joelhos direitos, as costas ligeiramente arqueadas, os pés plantados a mais ou menos à largura das ancas, o rabo para fora, as restrições nos pulsos bem firmes. Ele usara um chicote de tiras de couro preto para lhe bater — não cruelmente, jamais

isso —, mas usando as tiras de couro para lhe acordar e atíçar os nervos à superfície do rabo, ancas e coxas, o domínio dele sobre ela cuidadosamente controlado e deliberado, destinado a excitar, não magoar. Os seus ocasionais gentis lembretes para que mantivesse a posição bastante canhestra com os seios espetados para diante e o rabo mesmo a jeito para o açoite não a tinham ofendido, apenas excitado.

Como sempre, fazia frequentes pausas para lhe esfregar apaziguadoramente com a palma da mão aberta a pele a formigar e a arder. Por vezes usava um vibrador de dedo no clítoris ou massajava-lhe o minúsculo feixe de nervos inflamados com um dedo nu de forma precisa enquanto lhe mergulhava outro na vagina. Fechando os olhos no momento presente, conseguia ouvir ainda a voz baixa e áspera de Ian através dos seus choramingos e gritos, dizendo-lhe quão bela era... quão desejável.

Isso mesmo. Nunca és mais bela do que quando confias em mim e te deixas ir. Vem-te novamente, encanto meu. Vem-te contra a minha mão.

Lá mais para o fim, depois de lhe permitir que se viesse várias vezes, ele dissera-lhe que se endireitasse completamente. Pusera-se junto dela e ela vira pela primeira vez que o pénis lhe sobressaía das calças abertas. Mantivera os olhos colados nela enquanto ele esfregava a pesada e intumescida ereção e usava gentilmente o chicote nos seus seios. Podia ouvir ainda como a voz se lhe pusera rouca enquanto os estimulava, deixando os globos pálidos ligeiramente rosados, fazendo uma ocasional pausa para acariciar e beliscar os bicos até que estivessem quase dolorosamente eretos e sensitivos. Quando ela não lograra impedir-se de se vir com a precisa estimulação dos mamilos, ele ficara subjugado de desejo. Tomara-a por trás, a sua escaldante e vigorosa posse arrebatando-a.

Adorava quando ele finalmente perdia o controlo.

De seguida, ele carregara-a para a cama. Recordava-se de como lhe tinham sabido bem os lençóis frescos contra o corpo afogueado e sensível, deslizando-lhe deliciosamente contra a pele a formigar e a arder do rabo, ancas e seios. Soubera maravilhosamente afundar-se no colchão, e mais ainda quando ele se deitara ao lado dela e a tomara nos braços.

Tocara-lhe as faces afogeadas com a ponta de um dedo.

— Precisas de um momento para arrefecer antes de nos aprontarmos — dissera com um sorrisinho. — Ainda tens a paixão em ti.

— Ter-se-á desvanecido depois de tomar duche e me vestir — murmurara ela, afagando-lhe os bíceps fortes e musculados.

— Não tão facilmente como possas imaginar. Uma mulher revela sempre indícios de bom sexo. No teu caso, ainda mais flagrante se torna. Irradias como um farol. Não gosto que estranhos te vejam assim — dissera

ele pensativamente, roçando-lhe ainda ao de leve a face e a testa. — A tua visão depois de fazeres amor é minha, só minha.

Ela rira suavemente, não o entendendo plenamente.

— Não sejas ridículo. As pessoas não leem mentes. Não podem saber o que estivemos a fazer antes de sairmos em público.

Uma sobranceira asa de corvo erguera-se. — Estás enganada. Os homens sabem. Muitos deles, seja como for.

Ela abriu a boca para argumentar, mas pressentira que ele não estava numa das suas típicas provocações. — Como? — perguntara, hipnotizada pelo toque dele na sua face e pela sua expressão sombria. — *Como* sabem os homens?

— Pelo rubor aqui, aqui e aqui — dissera ele lentamente, tocando-lhe à vez o peito, faces e lábios. — Mesmo depois de se ter desvanecido, deixa ainda assim um brilho revelador. Pelos músculos, pelo nível global de relaxamento e aparente satisfação com a vida. Por uma indefinível sensação de conforto no próprio corpo, a forma como se move e apresenta... uma sensual consciência, calculo que se lhe possa chamar. Tu mostra-lo mais aqui — dissera num tom rouco, roçando-lhe a ponta do dedo gentilmente por sobre a pálpebra. — Os teus olhos são sempre a minha perdição — dissera, a boca enviesada com um divertido sentido de humor ante a poética expressão. — Mas durante e depois de fazermos amor, a tua alma irradia deles para fora — terminara, o sorrisinho desvanecendo-se.

Ela engolira em seco, comovida pelo ríspido e espontâneo louvor.

— Não posso crer que os homens consigam mesmo ver todas essas subtilezas. Tens a certeza que não és só tu?

O seu abrupto sorriso acordara-lhe o corpo com um frémito. — Não. A maior parte dos homens consegue imediatamente detetar uma mulher sexualmente satisfeita, quer o ponham em termos concretos e conscientes ou não. Nós somos bem mais práticos do que as mulheres. Falta-nos finura no geral, mas nas questões cruciais somos forçados a aprender bem cedo os significados dos subtis sinais no trilha.

— O trilha da conquista sexual, queres tu dizer — dissera ela, revirando os olhos.

A boca dele fizera um trejeito. — As metas dos homens são frequentemente simples e bastante flagrantes no que toca a sexo, ainda que os meios de as atingir não sejam. Agora as mulheres — cismara pensativamente, afagando-a ainda —, nem sempre estão tão conscientes das suas. São um mistério para si próprias, pelo que os homens pouca esperança têm de as entender. Tu és muito metida contigo. Reservada. Um verdadeiro enigma.

Ela mordera o lábio para reprimir um gemido quando ele lhe colocara a mão entre as pernas e sondara gentilmente por entre os lábios lubrificadas.

— Somos muito como os nossos sexos, não achas? — perguntara, estudando-lhe o rosto enquanto lhe esfregava o lustroso e apreciador clítoris. — Vocês são delicadas e recolhidas para dentro. Profundas e macias — murmurara, empurrando-lhe um dedo grosso pela vagina adentro. — Vocês são um enigma... apenas desvelando os vossos segredos a quem os merece.

A boca dela tremera numa mescla de divertimento e renovada excitação. — Então não é de admirar que eu não consiga guardar segredos de ti.

Ele igualara o seu sorrisinho ao dela e roçara a virilha contra a coxa dela. Apesar do seu recente e explosivo orgasmo, a pila estava a ficar firme e cheia uma vez mais. — Nós homens vivemos bem mais à superfície. — Chegara-se a ela com um golpe de quadris, tornando óbvia a sua renovada excitação. — Não temos hipótese de o ocultar, de modo que para quê tentar? Não dá para ocultar o deliberado, selvático intento — dissera, o sorriso perdurando-lhe na voz ainda que ela não pudesse vê-lo, enquanto lhe beijava sedutoramente o ouvido e arrepios lhe percorriam a espinha.

— Hmmm, é difícil disfarçar o animal por maior que seja o refinamento — murmurara ela com esbaforido humor enquanto ele lhe beijava as faces e a têmpora com crescente ardor. Contorcera-se sob a mão dele, e como sempre ele prendera-lhe firmemente as ancas, imobilizando-a. Fizera deslizar outro dedo dentro dela. Ela gemera e tremera quando ele lhe tomara a boca num beijo possessivo.

— Fazes do seu disfarce uma completa impossibilidade, Francesca — dissera-lhe contra os lábios um momento depois. Fizera-a rolar de costas e perfurara-a com a pila num movimento simultaneamente gracioso e tão selvático também como ele acabara de sugerir.

Quando logrou desenredar-se da pungente e erótica memória, o livro estava caído no colchão, esquecido, tinha a camisa de dormir subida acima dos seios e a mão sob as cuecas. Emitiu um som de entrecortada impaciência e empurrou as cuecas pelas coxas abaixo.

De nada valeu. Estava a arder, mas o seu toque não era adequado. Fá-la-ia vir-se, mas não bastava.

Não bastava nunca.

Frustrada ao ponto da distração, levantou-se da cama agora revolta e correu para o quarto de vestir, as faces afogueadas e os mamilos sensíveis, os bicos como que esfolados só da suave seda da camisa. No fundo de uma das gavetas que Ian designara como suas, encontrou o que queria: um pequeno e poderoso vibrador. Escondera-o entre algumas peças de lingerie antes de abandonar a residência de Ian.

Segundos depois, estava de novo na cama, as coxas bem afastadas, o vibrador zumbindo enquanto o pressionava contra o clítoris.

Ian usara este mesmo instrumento nela muitas vezes. Por vezes usava-o nela enquanto a açoitava sobre o seu joelho, combinando o ferrão do castigo com o prazer do vibrador para um efeito máximo. Oh, Deus, como ela adorava quando ele lhe prendia os pulsos e lhe ordenava que se lhe deitasse nos joelhos, como ficava à sua mercê à medida que ele lhe acariciava o corpo nu e lhe batia no rabo até arder. Ela podia sentir cada nuance de tensão nas firmes coxas dele e experimentar em primeira mão a sua excitação naquela posição — o pular da pila quando ele lhe desferia uma palmada na curva inferior de uma nádega, o modo como lhe apertava sofregamente o rabo rosado e esmagava a sua ereção contra ela.

E o que ele lhe fazia uma vez acabado o castigo e ela jazendo inerte de vaga após vaga de orgasmo...

Deixava claro que ela já tivera mais que a sua dose de prazer, e que agora era tempo para o seu. Possuía-a por completo, fodia-a até ela não ter outra escolha senão explodir de novo no meio da sua furiosa, abrasadora posse.

Era por demais intolerável, este brutal e preciso recordar, mas ela tinha de se entregar a ele, tal como sempre acabara por se render a Ian. Passou o botão do vibrador para uma potência mais elevada e sentiu o ar lambe-lhe a vagina molhada, as ancas arremetendo e rodando sofregamente contra o preciso instrumentozinho. Enfiou um dedo na vagina e grunhiu desvairada ante a inadequabilidade da penetração, querendo mais, precisando de uma pila grossa e palpitante a enchê-la, a agitar-lhe os nervos em franja, a forçar-lhe a carne macia à total submissão...

Precisando de Ian.

Que fosse para o maldito inferno.

Enfiou outro dedo no apertado canal. Demasiado tempo. Passara-se demasiado tempo desde que fora estirada, preenchida e possuída. Estava tão perto... tão perto de se aliviar. Retirou os dedos até às pontas e mergulhou de volta dentro do morno e contraído canal, ritmadamente, imaginando que alguém que não ela lhe dava prazer.

Vem-te agora para mim, encanto meu.

Tão certo. Tão firme. Ela não tinha escolha senão obedecer.

Uma batida na porta desfez-lhe a fantasia em estilhaços.

Petrificou-se, arquejante. A passarinha ardia-lhe e latejava-lhe do clímax iminente. Alguém raspou firmemente na porta da suite mais uma vez. Levantou-se rapidamente da cama, sentindo as pernas bambas. Atirou o vibrador reluzente dos seus sucos para baixo dos lençóis e correu para a porta.

— Quem é? — perguntou, tentando disfarçar a falta de fôlego. Pressionou a mão contra a vagina através do tecido da camisa de dormir e encolheu-se. Estava mesmo na iminência do clímax. Ardia por libertação.

— É o Gerard. Peço desculpa por maçá-la de novo. Posso entrar por um momento? Prometo que não me demorarei.

Ela baixou os olhos de relance para a sua aparência, alarmada.

— Desculpe, agora não posso, Gerard. Estava a preparar-me para me deitar. Não estou vestida.

— Eu posso esperar enquanto se cobre com qualquer coisa — disse ele através da porta. — Por favor, Francesca. É importante.

Ela abriu a boca, mas não lhe ocorreu mais nenhum protesto. Ele descartara a única desculpa que lhe acudira ao cérebro alvoroçado de lascívia.

— Muito bem — disse, atarantada. — Dê-me só um momento.

Um minuto mais tarde, abriu a porta e logrou esboçar um débil sorriso.

— Entre — murmurou, acenando para a zona de estar que ocupava metade do espaçoso quarto principal da suite.

— Obrigado — disse Gerard, lançando-lhe um olhar apologetico antes de transpor o limiar. Francesca fechou a porta, detendo-se para cingir mais ao corpo o roupão que vestira. Lavara-se com sabonete e água muito fria e aguardara que a respiração se regularizasse, mas ainda sentia a pele a formigar e as faces quentes. Iria Gerard transformar num hábito a interrupção da sua masturbação?

A culpa não é dele. É tua por seres tão estúpida e cederes tão facilmente às tuas memórias... à necessidade que sentes.

Aclarou a garganta, banindo o pensamento, e seguiu Gerard para a zona de estar. Sentou-se numa cadeira em frente do sofá onde ele se instalara. Estava vestido de forma similar à da noite anterior, só que naquela noite as calças de pijama eram pretas e o roupão de um vermelho-sangue carregado. Arredou com os dedos o cabelo espesso da testa num gesto ansioso e estudou-a atentamente.

— Gerard? O que foi? Passa-se alguma coisa de errado?

— Estou ótimo. E como está a Francesca? — perguntou com marcada intensidade.

— Muito bem, obrigada — disse ela, rindo ante o tom premente e formal.

Ele sorriu. — Considerando as circunstâncias, quero eu dizer.

— Sim. Eu sei o que quis dizer — concedeu ela. O seu polido e significativo olhar de relance disse-lhe que ela estava pronta para ouvir o que ele insistira em dizer-lhe.

— Mais uma vez, perdoe-me a intrusão. Simplesmente é difícil falar

consigo com os outros sempre presentes. Em privado, quero eu dizer. — Percorreu-lhe com o olhar o rosto e muito fugidamente desceu ao pequeno remendo de pele nua no peito acima do roupão cingido.

Os homens sabem. Muitos deles, seja como for.

Mexeu-se desconfortável com a recordação das palavras de Ian e o conhecimento do que estivera a fazer antes de Gerard chegar.

— Porque precisa de me falar a sós? — perguntou.

— É esta proposta de viagem a Belford Hall, a encomenda da pintura... já deu à Anne uma resposta certa quanto a aceder a fazer o trabalho ou não?

— Não inteiramente, não, embora ela aja...

— Como se fosse uma coisa assente — disse Gerard com um sorriso seco. — É típico da Anne, agir como se os seus desejos fossem já realidade. Resulta espantosamente bem para ela. Normalmente. — Ela reparou que uma madeixa ondulada lhe tombara apelativamente para a testa quando ele passara a mão pelo cabelo. Retribuiu com esforço o sorriso.

— O que tem a viagem a ver com a razão de me querer falar?

Ele inclinou-se para diante, afastando ligeiramente as coxas, com os cotovelos sobre os joelhos. As mangas descaíram-lhe, revelando uns antebraços fortes e salpicados de cabelo escuro.

— É apenas que... bem, acha que é mesmo boa ideia? Ir para a casa de infância do Ian, sendo o estado das coisas entre vocês o que é?

O sorriso esmoreceu-lhe. Pestanejou de choque ante as palavras dele. — Honestamente não tinha pensado nisso. Estava a vê-lo como uma oportunidade de escape... uma mudança de cenário. Mas é claro que tem razão. Belford Hall era a casa do Ian. Sê-lo-á novamente, um dia.

— Francesca — começou Gerard, hesitante. O rosto contraiu-se-lhe subitamente de frustração e sibilou algo em surdina que ela não conseguiu captar. — Qual é exatamente o estado das coisas? — perguntou num ímpeto premente.

— O estado das coisas? — repetiu ela estupidamente.

— Entre si e o Ian — clarificou ele. Ela olhava-o fixamente. — Romperam oficialmente o noivado?

— Como poderia eu sequer fazê-lo, quando não falo com ele há mais de seis meses?

A cabeça dele recuou em repentina compreensão. — Pelo que não está oficialmente anulado. *Ele* não... disse nada?

— Antes de desaparecer? — Ouviu a acutilância do seu tom de voz e inalou, fazendo por acalmar-se. Sentia-se muito transparente por alguma razão, exposta e vulnerável. Gerard não merecia a sua raiva. Estava apenas a perguntar o que Anne, James e ele provavelmente vinham ardendo por saber o tempo todo. — Não — replicou mais calmamente. — Num dia,

eu e o Ian estávamos felizes e a ansiar pelo nosso casamento. No momento seguinte, a mãe do Ian estava a morrer e tudo mudou.

Gerard assentiu lentamente. — Só que não foi apenas a morte da Helen, pois não? Foi essa coisa que o Lucien lhe revelou, quanto a ser seu irmão — disse, com o sobrolho franzido de concentração.

Ela anuiu simplesmente, sentindo-se desconfortável com a sua falta de informação do quanto Anne e James teriam contado a Gerard a respeito de Ian. Constatou que estavam ambos às apalpadelas no escuro à procura de pedaços de informação.

— O Lucien parece ser um tipo bastante inteligente e decente — disse Gerard. — Sinto-me um pouco confuso quanto à razão por que foi tão perturbador para o Ian descobrir que ele era seu meio-irmão. Sinto que me escapa alguma coisa aqui. Tem alguma coisa a ver com o pai deles?

A expressão de Francesca permaneceu impassível. Portanto, Anne e James *não haviam* revelado a Gerard a tóxica verdade acerca de Trevor Gaines.

— A história não acaba aí, mas cabe a Ian contá-la. Espero que entenda que eu não fale no assunto. Lamento, Gerard.

— Julga que eu não estou acostumado a ser a ovelha negra no que toca à minha família? — perguntou em tom jocoso, até notar a confusão dela. — A Anne e o James disseram-me basicamente a mesma coisa no que respeita ao Ian. Compreendo, mas tal não significa que me congratule por isso. Não gosto de ser deixado no escuro. O Ian não é apenas meu primo. A minha casa fica a menos de dez quilómetros de Belford. Passei uma data de tempo com o Ian, era eu um jovem e ele um miúdo. Ambos demos connosco órfãos aproximadamente na mesma altura. Sinto-me como um irmão mais velho dele — disse, franzindo a testa. Ela sentiu-lhe a mente a trabalhar enquanto estudava o rosto dela. — Portanto, ainda está a proteger o Ian? A proteger os seus segredos, mesmo nestas circunstâncias?

Ela retesou-se, a compaixão que por ele sentia eclipsada. — É uma simples cortesia, Gerard.

Ele fez um gesto conciliatório com a mão, mas ela percebeu que a sua mente estava já atacadada a um assunto diferente. — Estamos todos preocupados quanto ao seu estado mental. Estou certo de que a Francesca também estará. Eu estou ralado com o Ian, é claro, mas estou igualmente muito preocupado com a Anne e o James. É como se estivessem a viver o desaparecimento da Helen mais uma vez.

— Está a insinuar que acha que o Ian é como a Helen? — perguntou Francesca, incrédula. — Gerard, a Helen era esquizofrénica. Não é a mesma...

— Eu sei disso. Mas se ele não estiver... inteiramente capaz — disse Gerard delicadamente —, gostaríamos de o ajudar, providenciar-lhe os

cuidados de que precisa. Não tem *qualquer pista* de todo quanto ao paradeiro do Ian? Nem um vislumbre ou vaga suspeita?

— Nada. Sabe tão bem como eu que o Ian se sente confortável a andar por cada centímetro deste planeta. Pode estar em qualquer lado — disse singelamente. *Eu sou o Gato que anda sozinho, e todos os lugares são iguais para mim.* O coração pareceu apertar-se-lhe à pungente e memorizada linha do conto de Kipling que ela sempre associara a Ian, mesmo antes de lhe ser apresentada. Seria Ian alguma vez capaz de se desfazer daquela armadura que usava de decidida solidão? Ela julgara que poderia, sim. Outrora. Agora duvidava que ele alguma vez se pudesse libertar do seu passado.

— Não falámos nunca realmente a fundo quando o segui até Londres por uns dias — continuou baixinho um momento depois. — O estado da sua mãe ocupava quase toda a nossa atenção. Quando ela morreu, o Ian simplesmente desapareceu do mapa. Ao princípio, pedi a vizinhos que verificassem nas suas outras residências em diversos países. A Lin deu-me os contactos telefónicos. Mas ninguém admitiu tê-lo visto.

Uma sombra perpassou pelo olhar de Gerard. — Sim. Nós fizemos basicamente a mesma coisa, à procura dele. A pedido do James, fui a várias das suas residências e hotéis em que fica frequentemente a ver se dava com ele mas... nada.

Ela não respondeu. Claro que eles tinham procurado Ian. Suspirou, desapontada por eles não terem apurado uma migalha de informação que ela não tivesse descoberto.

— Em resposta à sua anterior questão quanto a sermos ou não ainda oficialmente noivos, a resposta é não — disse com mais calma do que sentia. Susteve firmemente o olhar de Gerard. — Tirei o anel do Ian quando daqui saí há meses. Já não sou noiva dele. O Ian não precisou de o dizer alto e bom som. As suas ações falam mais alto que palavras.

A expressão tensa e preocupada de Gerard cedeu. Levantou-se, surpreendendo-a ao tomar-lhe as mãos e puxá-la para se pôr de pé.

— Lamento. Mais do que calcula. Não era minha intenção causar-lhe mais dor trazendo isto tudo à baila.

— Tudo bem. Eu compreendo. Apercebi-me de que você e os outros parecem andar a pisar cascas de ovo.

— Ian procedeu mal ao tratá-la como tratou. Mais ainda, é um palerma por tê-la deixado para trás. A Francesca não só é brilhantemente talentosa, doce e fresca, como é tão... — Fez uma pausa, a boca endurecendo-se-lhe enquanto a fitava, os olhos tremeluzindo-lhe muito fugidamente e descendo para os seios cobertos, fazendo com que os bicos já sensibilizados se retensassem alerta. As mãos eram grandes e cálidas e abarcavam as suas. O corpo não tocava o seu, mas a meros centímetros dele, ela teve abrupta

consciência da sua força masculina. Quedou-se imóvel quando ele estendeu o braço e lhe tocou numa madeixa de cabelo.

— Bela — completou, com o maxilar rígido.

Ela inalou-lhe o odor. Recuou, soltando as mãos das dele e voltou-se de frente para a cornija da lareira. Sentiu-se confusa com a volta dos acontecimentos. Não estava pronta para considerar a ideia de estar com outro homem, quanto mais parente de Ian. Racionalmente, parecia-lhe errado, mas havia algo de mais elementar que a fizera recuar.

Tudo em Gerard parecia errado. *Cheirava* errado.

Olhou fixamente para a cornija de mármore branco, os pensamentos e sentimentos numa confusa embrulhada.

— Estou mesmo cansada, Gerard. É melhor que se vá — logrou dizer, ainda de costas para ele. Retesou-se ao sentir a mão dele no seu ombro.

— Francesca.

Virou-se e susteve-lhe relutantemente o olhar.

— Não há nada de errado em necessitar de alguém — disse ele baixinho, as narinas ligeiramente dilatadas. — Não há nada de errado em necessitar. Ponto.

O ardor no seu corpo ainda não se dissipara inteiramente, mas, naquela altura, ela sabia que seria tolice pensar que poderia ser vencido pela sua própria mão... ou qualquer outra, salvo uma.

— Eu sei disso. Mas por vezes a ocasião é errada — disse.

Algo perpassou pelas feições dele. Assentiu uma vez e deixou tombar a mão.

— Estou a ver — disse. Ela inalou de alívio quando ele se afastou dela. — De facto apenas vim aqui esta noite para expressar a minha inquietação à ideia de você ir para Belford Hall. Não penso que esteja preparada para tal coisa.

— Palavra? E contudo pensou que estivesse preparada para isto? — perguntou, olhando significativamente de relance para o espaço entre ambos.

— Não, mas tive esperança de que estivesse preparada para ser confortada.

O sorriso dela era uma mescla de divertimento e perplexidade. — Foi isso que ofereceu ao vir aqui esta noite?

A expressão dele endureceu. Subitamente, ela viu em primeira mão a tenaz acutilância que fizera dele um tão formidável empresário.

— Sim. Para começar — disse.

Ela permaneceu sem se mexer junto da lareira, o seu sorriso incrédulo já desvanecido, vendo-o sair do quarto.

Capítulo

TRÊS

Ao anoitecer do dia seguinte, Gerard e Francesca entraram num elevador com Anne e James na Noble Enterprises. Estavam todos bem-dispostos, tendo adiantado bastante trabalho com a equipa de fusões e aquisições nessa tarde. A inicial liquidação de ativos e conversas sobre a aquisição estavam a decorrer mais facilmente do que haviam contado ou esperado. Claro está, poderiam sempre surgir coisas para obstruir o negócio, mas era mais que provável que a Noble Enterprises viesse a adquirir a Tyake pouco depois do Ano Novo. Francesca estava a ficar tão interessada e empenhada no negócio, que ocasionalmente até se esquecia de que o fazia por Ian.

Quando diversos membros da equipa de F&A tinham hesitantemente mencionado que iam lá abaixo ao restaurante Fusion para a anual festa de Natal da Noble Enterprises, Anne terminara abruptamente a reunião e enxotara todos os empregados para que se fossem divertir lá para baixo.

— Não sabia. A culpa foi do Lucien por não nos ter dito nada — disse Anne no momento em que o elevador estacava no átrio, referindo-se ao facto de Lucien ter estado a trabalhar com eles durante a maior parte do dia, mas ter saído já a tarde ia adiantada, dizendo que tinha uma coisa a tratar. Obviamente, essa «coisa» fora a preparação para a grande festa corporativa no Fusion. O elevador parou no átrio da Torre Noble e saíram todos. Um clarão de luz ofuscou os olhos de Francesca.

— Fora daqui, raios — berrou Gerard. O homem que tirara a fotografia atravessou o átrio a correr e saiu pela porta giratória para a rua. Gerard

pareceu furioso. — Estúpidos fotógrafos. Alguma palavra já escapou sobre a aquisição da Tyake.

— Não pensa que a imprensa saiba que o Ian não está ao leme, pensa? — perguntou Francesca nervosamente. O facto de Ian não estar ativamente ao comando da Noble Enterprises tinha sido um bem guardado segredo desde que ele partira. Ian era conhecido como sendo o génio por detrás da empresa, afinal de contas. A opinião pública quanto aos produtos Noble poderia decair se se soubesse que ele estava ausente.

Gerard abanou a cabeça. — Não, não é isso. Trata-se apenas de vender jornais. Toda a gente sempre teve curiosidade quanto à bela noiva do Ian — disse ele, brindando-a com um sorrisinho. — Mas o Ian sempre a manteve bem escondida. Suponho que queiram aproveitar a oportunidade para mostrar a sua cara nos jornais.

— Fantástico — resmungou Francesca em surdina, desejando que a conversa ficasse por ali. Ela *não era* noiva de Ian. Iniciou a travessia do átrio e os outros seguiram-na.

— E olhem... a secretária do segurança está vazia, pelo que o fotógrafo teve o campo livre. Calculo que esteja na festa. Não posso crer que já seja dia vinte de dezembro — murmurou Anne pensativamente, lançando uma olhadela às portas de vidro do Fusion. — O Ian faz sempre a festa na sexta-feira anterior ao Natal. E aqui estávamos nós a fazer aquela pobre gente trabalhar até tarde.

— Estou certa de que não se importam — disse Francesca enquanto atravessavam o pavimento de granito, os seus saltos altos fazendo-se ouvir sonoramente. Acedera hesitantemente ao vasto guarda-roupa que Ian lhe comprara enquanto tinham estado juntos, não querendo apresentar-se numa reunião empresarial envergando a sua indumentária típica de calças de ganga e t-shirts salpicadas de tinta. — É um alívio para eles despacharem o grosso disto antes das festividades, aposto eu. — Perscrutou através das portas de vidro do Fusion. A vasta zona de bar do restaurante de Lucien parecia estar pejada de convivas. Algo lhe ocorreu e deteve-se.

— Importam-se que vá ter convosco ao Everest? — perguntou, referindo-se ao restaurante onde tinham feito reservas. Os Noble tinham insistido em levá-la a jantar fora para comemorarem a sua última noite no *penthouse*. Agora que a maior parte do trabalho intensivo com o negócio da Tyake estava despachado, Francesca anunciara que ia regressar a casa. As suas feridas já tinham supurado de mais, a dormir na cama de Ian. — Pedi à Lin que me enviasse alguns documentos de que pudéssemos precisar como referência antes de ela sair para as festividades, mas esqueci-me de lhe dizer que os enviasse para Belford Hall.

Anne estacou abruptamente, uma expressão extática tomando-lhe o

rosto. — Portanto, *vem* passar o Natal connosco a Belford Hall? E pinta o quadro?

Ela não pôde deixar de rir à quebra na total segurança de Anne quanto à realização dos seus planos. Francesca apenas tomara a decisão final quanto a Belford Hall nessa manhã. Davie decidira aproveitar o Natal para visitar a família de um primo no Michigan. Embora tivesse tentado convencê-la a acompanhá-lo, ela sabia que se sentiria a mais. Francesca dissera-lhe pois que decidira aceitar a oferta de Anne. Antes considerara o conde e a condessa fundamentalmente como avós de Ian, mas agora começava a pensar neles como amigos. Os pais dela iam fazer um cruzeiro de Natal, pelo que não tinha qualquer obrigação por esse lado. Além do mais, uma mudança de cenário far-lhe-ia bem, para não mencionar o facto de que se sentia cem vezes mais confortável e à vontade com Anne e James do que com os seus próprios pais. Até Gerard tudo fizera para lhe fazer sentir que pertencia à família. Todos eles o haviam feito apesar do seu rompimento com Ian, e ela apreciava grandemente os seus esforços.

— Reservei um voo para a véspera de Natal. Porquê tão grande demonstração de surpresa? — brincou Francesca com Anne. — Tem-se comportado como se fosse facto assente desde que o mencionou pela primeira vez.

— Sim, mas sabe sempre bem uma confirmação até dos planos mais certos — disse Gerard secamente. Anne esboçou um sorriso travesso e riram-se todos.

— A Eleanor ficará encantada por ter alguém que mimar — disse Anne para James.

— A Sra. Hanson também vai? — perguntou Francesca.

— Oh, sim. Tal como lhe disse, há séculos que não temos um evento como este Baile de Núpcias. Quando os fazíamos mais regularmente, contudo, a Eleanor era indispensável. Temos vindo a funcionar com um pessoal muito reduzido em Belford, pelo que tivemos de contratar auxílio temporário para as festividades de modo a pôr tudo a andar, e precisaremos da Eleanor para organizar toda a gente. O Lucien e a Elise também vêm. Chegam de manhã cedo no feriado pós-natalício e concordaram em ficar em Belford.

— Parece emocionante — disse Francesca, contagiada pelo entusiasmo de Anne. — Só há uma coisa: se o objetivo é eu fazer os esboços preliminares enquanto lá estou, precisarei de todo o material necessário disponível quando chegar.

— Isso não é problema de todo — disse James, e Francesca confiou na capacidade dos Noble de adquirirem o que ela precisava para o projeto. Ambos eram patronos de museus de arte e ávidos colecionadores.

— Mas eu gostaria ainda assim que relaxasse um bocadinho antes de começar a trabalhar — disse Anne com um olhar admoestador. — O Ano Novo não tarda aí.

— E há celebrações a fazer — disse Gerard, sorrindo. Pousou casualmente a mão no ombro de Francesca. — Eu irei consigo falar à Lin. Iremos ter com os dois ao Everest daqui a uns dez minutos — disse para Anne e James.

Francesca congratulou-se por o seu sorriso não ter vacilado com a oferta de Gerard. Ele tinha sido tão atencioso com ela nesse dia, tão prestável, e contudo empenhadamente polido e apropriado nas interações de ambos. Quase esquecera o seu desconforto quanto ao facto de ele ter tentado seduzi-la na noite anterior... e de, por uma fração de segundo de vulnerabilidade, ela quase o haver considerado.

Quase esquecera, repetiu para consigo mesma enquanto ele a conduzia para o Fusion, a mão ainda casualmente pousada nas suas costas.

Uma sensação de desânimo arrasou-lhe a pouco duradoura boa disposição quando Gerard abriu a porta de vidro do Fusion. Embora tivesse sido ela a trazer à baila a troca de palavras com Lin, hesitou. Não voltara ao Fusion desde que Ian partira. Não só jantavam ali frequentemente, como fora ali que se tinham conhecido. Fora num cocktail em honra de Francesca por ganhar uma altamente reputada comissão para pintar o mural decorativo das Torres Noble recém-construídas. Tudo a assaltou de volta numa fração de segundo — ela, tão desajeitada no seu vestido de loja de segunda mão, tão determinada a ocultar a sua falta de jeito; Ian, tão impressionante e intenso e com aqueles olhos de anjo negro pregados nela enquanto lhe dizia que ele, unicamente ele, designaria a vista para a pintura.

— *Sugiro que veja a vista em questão antes que se sinta indevidamente ofendida, Menina Arno.*

— *Francesca — dardejara ela, deixada um bocadinho na defensiva por toda a sofisticação e formalidade da receção em sua honra, para não falar das arrogantes presunções dele.*

Ela viu aquele relampejar nos olhos azuis que lhe fez lembrar uma borrasca no horizonte. Por uma fração de segundo, lamentara a acutilância do seu tom.

— *Pois seja Francesca — dissera ele suavemente passado um momento. — Se me chamar Ian.*

Gerard tocou-lhe no ombro, arrancando-a bruscamente à vívida memória. Apontou para o outro lado do bar. Ela viu Lin a falar com uma mulher alta e assentiu. Ele tomou-lhe a mão e conduziu-a através da barulhenta e animada multidão de foliões da Noble. Uma deslumbrante árvore de

Natal cintilava por detrás de criados apressados e gente a tagarelar. Fora contratado um trio de *jazz* para entreter os funcionários da Noble. Vários pares já tinham ido para a pequena pista de dança. Teve um vislumbre de Elise na cozinha aberta à distância, o belo rosto sóbrio de concentração enquanto mexia uma panela e polvilhava algum ingrediente lá para dentro. Não tardaria a completar o seu estágio no Fusion e a ser uma *chef* plenamente qualificada, pronta para abrir o seu próprio restaurante. A visão da amiga animou Francesca, inundando com uma centelha de calor um peito que ficara frio com as memórias de Ian.

Lin acolheu-os entusiasticamente, assentindo com a cabeça quando Francesca comunicou o que a levara ali.

— Claro que enviarei os documentos para Belford Hall. Gostaria que lhe tratasse do voo?

— Não, claro que não — disse ela, com as faces a arder. Lin era assistente de Ian. Encolheu-se à ideia de ela tratar de coisas suas devido à sua associação passada com Ian. Tudo isso estava acabado e arrumado. Ian deixara-o claro. — Já tenho tudo providenciado, mas obrigada de qualquer maneira. Parto bem cedo na véspera de Natal.

Lin assentiu, o seu olhar baixando, fugidio, entre Gerard e ela. Francesca tomou consciência de que Gerard ainda lhe segurava a mão. Libertou-a gentilmente, tentando ocultar o desconforto que sentia.

— E o Gerard? Onde passará o Natal? — perguntou Lin.

— Com a Francesca em Belford — replicou Gerard, sorrindo para Francesca. — Não perderia o Baile de Núpcias do James e da Anne por nada deste mundo.

Francesca tentou calcar a súbita ansiedade que sentiu quando uma mescla de curiosidade e inquietação perpassou pelas feições de Lin, antes de esboçar o caloroso sorriso do costume e desejar a ambos boas festas.

Quando tinham começado o *jogging*, a friagem de dezembro fizera-a sentir-se desconfortável. Agora sabia-lhe maravilhosamente contra a pele aquecida.

— Tinhas razão — disse Davie correndo ao seu lado pela Division Street abaixo, a via já de si movimentada congestionada de trânsito com os preparativos para o Natal daí a três dias. — Este tempo é perfeito para correr.

— Além disso, faz-te sempre sentir bem estares apeado ao ver trânsito como este — disse Francesca com um sorriso rasgado.

Davie olhou-lhe de relance para o rosto e imediatamente tornou a olhar. Sorriu quando Francesca lhe lançou um olhar curioso.

— Apanhaste-me simplesmente de surpresa. É bom ver-te sorrir outra vez — disse Davie.

— Obrigada. Estou ansiosa pelo Natal, o que constitui uma certa surpresa. Estava longe de poder dizer isso há duas semanas.

Davie assentiu ao perscrutar-lhe o perfil por um momento. — Achas que estás a passar por cima do Ian? — perguntou baixinho.

O sorriso dela desvaneceu-se. O vazio que tinha no peito doeu-lhe ao pensar nisso. Não falou enquanto se aproximavam de uma transversal, mantendo o olhar desviado do de Davie. — Não sei se alguma vez passarei «por cima» do Ian. Duvido que alguma vez seja capaz de... tu sabes. *Sentir* por alguém o que senti por ele — disse, evitando propositadamente a palavra carregada de sentido.

Amor.

— Bem, o tempo é a chave. Nunca se sabe o que trará o futuro — disse Davie vivamente. — Então... que tal te tens dado a trabalhar com o Ger...

O som de pneus a chiar cortou a palavra a Davie. Ambos abrandaram e estacaram uns passos antes da rua, baralhados com a travagem abrupta do carro no sinal verde. A perplexidade apenas aumentou quando a porta de trás se abriu de rompante e um homem com cabelo louro-areia, rosto escarpado e ombros largos saltou para fora.

— Que raio? — resmungou Davie em surdina.

Algo na expressão do homem a olhá-la fixamente fez disparar um alarme na cabeça de Francesca. Ele investiu contra eles com uma veloz deliberação que a espantou — como um tsunami com pernas. Davie estendeu instintivamente a mão e empurrou Francesca para trás.

— Corre... *foge* — disse.

Mas o homem já estava em cima deles. Agarrou brutalmente o braço de Francesca e tentou puxá-la na direção da rua. O abalo de dor trespassou a confusão que sentia ante a reviravolta dos acontecimentos. Sentiu-se tomada de raiva e de pânico. Puxou para trás o braço com um safanão mas a mão do homem parecia de aço.

— Largue-a! — berrou Davie, arremessando-se em peso contra os braços do homem e tentando interpor-se entre ele e Francesca. Mas o homem limitou-se a rosar e a dar de lado com o maciço antebraço e mão, como se estivesse a enxotar uma mosca. Davie foi atirado para trás. O homem tinha agora ambos os braços de Francesca apertados como que num torno. Fez menção de a virar bruscamente, como que para a segurar de costas nos seus braços. Francesca aproveitou enquanto ainda se encontrava de frente para ele e atirou-lhe o joelho, ao calhas, na direção do baixo-ventre. Por pura sorte, acertou-lhe em cheio. O ar

escapou sonoramente dos pulmões do seu atacante. Os olhos verde-caqui esbugalharam-se-lhe.

Ela sentiu-se trespassada de puro medo ao ver o ódio que lhe animou o olhar. Ele ergueu uma manípula e cerrou-a em punho. Ela contorceu-se nos seus braços, desesperada por escapar ao que suspeitava ser um doloroso golpe. Mas então Davie voltou à refrega, desferindo um soco no flanco do homem. O homem grunhiu. Na sua momentânea fraqueza, Davie empurrou-o para longe de Francesca. O homem reagiu arremessando raivosamente Francesca na direção oposta. Ela aterrou pesadamente no passeio, esfolando a mão ao tentar evitar cair desamparada ao chão. Mal deu por isso. Toda a sua atenção estava nos dois homens.

— Não, Davie! *Não* — gritou em pânico ao olhar para cima e ver Davie perseguir o rufia que fugia para o carro ainda parado. Davie estava em forma e era bem constituído, mas o homem era um monstro em tamanho comparado com ele. O amigo estacou quando o homem subiu para o assento de trás e fechou a porta com força. O motorista carregou no acelerador. O veículo girou, os travões a chiar. Davie recuou freneticamente da estrada para o passeio, quase caindo com a pressa.

O carro saiu disparado na direção oposta da Division Street e do trânsito.

Davie voltou-se e fitou-a, o rosto lívido e os olhos arregalados de choque. — Que raio foi *aquilo*?

Francesca abanou simplesmente a cabeça, demasiado abalada pela abrupta catadupa de inesperada violência para falar.

Ian entrou na encardida suite que ocupava no Solar Aurore e despiu imediatamente a camisa. Combinara o seu exercício com uma busca pelas muitas azinhagas, campinas e matas da propriedade, mas o local de residência de Kam Reardon continuava a escapar-lhe.

— Não te podes esconder para sempre, irmão — resmungou em surdina, limpando bruscamente com a mão o brilho de transpiração do peito e abdómen. Ao encaminhar-se para a casa de banho para tomar duche, ponderou onde procurar nessa tarde. Estacou subitamente ao reparar na luz vermelha a piscar no atendedor automático. O aparelho devia ter uns vinte anos de idade. Ian ligara-o à linha telefónica da casa e dera o número apenas a uma pessoa.

Premiu um botão, um súbito estado de alerta eriçando-lhe a pele lustrosa de suor.

— Ian, sou eu. Bem sei que não tem estado virado para responder a chamadas, e que me disse que não queria que o contactasse nesta linha a

menos que houvesse uma emergência. Mas aconteceu uma coisa... algo que tenho a certeza quererá saber desde já...

Escutou, a coluna retesando-se-lhe. Após o *bip* de fim de mensagem, escutou-a novamente.

Entrou na casa de banho de onde rapidamente tirou uma tesoura do seu estojo de tolete. Levou-a ao pescoço e começou a cortar a barba com deliberado intento.

Detiveram-se num portão de segurança, mas o guarda de serviço limitou-se a dar-lhes passagem com um aceno. Francesca inclinou-se para diante no assento e olhou pela janela quando o motorista entrou numa longa alameda através da floresta.

— Terá uma vista de Belford Hall assim que dobrarmos esta próxima curva — disse o motorista dos Noble, um homem chamado Peter, ao reparar no seu vívido interesse pelo espelho retrovisor. Ela já conhecera Peter antes quando ficara em casa dos Noble em Londres.

— Estou desejosa de ver. Estudámos o palacete de fuga na Faculdade de Arquitetura — disse esbaforida.

Dobraram a curva. A expressão encheu-se-lhe de espanto à visão que se desenrolou diante dela. Peter devia ter reparado.

— Uma vista digna de contemplar, não é? — perguntou baixinho, com uma nota de orgulho na voz.

— É incrível — respondeu Francesca. Uma sensação estranha insinuou-se por ela dentro à medida que o sedã preto deslizava na direção do enorme e imponente palacete de estilo Tudor-Jacobino, disposto entre elaborados jardins e bosques que se engalanariam de cor durante a primavera e o verão. Ela vira mansões senhoriais muitas vezes na sua qualidade de estudante de arte e arquitetura... mas *isto*.

Por algum motivo, toda a experiência a impressionou como surreal. Todo o seu último ano de vida, tudo o que se passara desde que ela olhara nos olhos de Ian no Fusion há mais de um ano, pareceu desmoronar-se num insignificante minuto. Subitamente, lá estava de novo a desajeitada rapariga, ligeiramente na defensiva, que fora grande parte da vida obesa e perseguida pelos seus pares.

Que diabo fazia ela *aqui*?

Sabia que os avós de Ian eram nobres e ricos, é claro. Sabia que Ian crescera rodeado de esplendor durante boa parte da sua jovem vida. Mas apercebia-se rapidamente de que *não* o assimilara realmente. Não no sentido de plena compreensão. Poderia um americano alguma vez abarcar verdadeiramente a elegância, riqueza de história e tradição de um nobre

inglês? Atingiu-a em cheio pela primeira vez, qual pancada desorientadora, o facto de que, apenas meio ano atrás, esta mansão de conto de fadas teria sido um dos futuros lares dela e de Ian.

Olhou-se nervosamente de relance enquanto se aproximavam da entrada e várias pessoas saíam pela porta principal para o caminho. Graças a Deus que trouxera consigo algumas peças do quarto de vestir do *penthouse* antes de regressar para casa de Davie. Nunca se congratulara mais por Ian ter ido contra os seus desejos no início da relação e lhe ter comprado um guarda-roupa. Nunca se sentira mais grata por ele ter especificado as peças que queria que ela tivesse. Era quase como se tivesse estado presente em pessoa a aconselhá-la enquanto fazia a mala. Como em tudo o mais, o gosto de Ian era excepcional no que tocava a vestuário, transmitindo uma sensação de distinção natural e discreta classe.

A saia preta, blusa de seda, botas de cabedal e casaco de caxemira que envergava não eram nem de longe vistosos, mas eram da mais alta qualidade. Pelo menos não tinha nada de que se envergonhar nesse campo. Teria de confiar que a oração e boa sorte a impedissem de fazer figura de parva noutro tipo qualquer de situação em Belford.

James e Anne lá estavam para a acolher quando Peter abriu a porta do passageiro. Os seus calorosos abraços ajudaram consideravelmente a acalmar-lhe a ansiedade. O rosto de James estava profundamente enrugado de preocupação quando a examinou atentamente depois de se abraçarem.

— Soubemos do que aconteceu pela Lin. O Gerard não podia acreditar no que ouvia quando lhe contei; ficou lívido. Ele já está em Belford, a propósito, mas deu uma corrida a Chatham... a casa dele, a um salto daqui... para tratar de qualquer coisa — acrescentou James num aparte. — Pediu que lhe disséssemos que estará de volta para o jantar esta noite.

— Apanharam os meliantes? — perguntou Anne, referindo-se igualmente ao violento assalto de que ela e Davie tinham sido alvo uns dias antes em Chicago.

— Não, não que eu tenha conhecimento. Fizemos as nossas descrições à polícia, é claro, embora nenhum de nós tivesse atentado bem no motorista. Mas não estava realmente a contar que fizessem uma detenção, tão fortuito foi tudo aquilo.

— Mas falou-lhes na sua ligação com o Ian, não falou? — perguntou James significativamente.

Francesca petrificou-se. *Não há qualquer ligação entre mim e o Ian*, quis gritar, mas conteve-se. James tinha a melhor das intenções, é claro, e ela entendia o que ele queria dizer. Ela e Ian partilhavam uma ligação passada, mas uma ligação, não obstante.

— Nem se pôs realmente a questão, James. Receio que todo o

incidente tenha sido um caso típico e corriqueiro para a polícia de Chicago.
— Protegeu-se de uma rajada de vento que lhe fustigou uma madeixa de cabelo contra o rosto.

— Venham daí, vamos tirá-la do frio — acudiu Anne.

— Bem-vinda a Belford — disse James enquanto a escoltavam pelas maciças portas de carvalho adentro, Peter seguindo-os com a bagagem. Uma vez mais, Francesca ouviu a nota de orgulho. Soou ainda mais intensa na voz de James do que soara na de Peter. E porque não haveria James de sentir orgulho no seu palacete ancestral?, interrogou-se Francesca ao fitar boquiaberta o salão de entrada: as paredes faustosamente apaineladas de carvalho esculpido, a grandiosa escadaria ornada de verdejantes festões, os belíssimos quadros de vários antepassados, a árvore de Natal iluminada de seis metros de altura e o espetacular teto abobadado de vitral.

Fora aqui que Ian crescerá?

De algum modo, a ideia de um enérgico e irrequieto miúdo de dez anos e esta grandiosidade não pareciam ligar no seu cérebro, constatou estonteada ao pisar sonoramente com a bota um meticuloso desenho do pavimento de mármore. Mas a verdade é que Ian nunca fora uma criança descuidada. Este ambiente *era* perfeitamente adequado à sua desprendida autocontenção, à sua rematada confiança em praticamente qualquer decisão que tomava.

Deteve-se no meio do salão e deu uma volta sobre os calcanhares, tentando assimilar tudo. Susteve o olhar escuro e cintilante de James.

— O que lhe parece? — perguntou ele, sorridente.

— Estou assombrada, é claro. É magnífico. Sinto-me uma americana atarantada — acrescentou em surdina.

— A única coisa que queremos que sinta — disse Anne, avançando e pegando-lhe na mão com um olhar significativo — é em casa.

Anne escoltou-a à suite que lhe fora destinada no segundo piso. Enquanto tagarelavam a respeito do programa dos dias seguintes, uma mulher bateu à porta e perguntou educadamente se podia desfazer a mala. A princípio, Francesca ficou confusa com o pedido. A mulher era jovem e bonita — na casa dos vinte, provavelmente mais ou menos da sua idade. Não envergava a farda estereotipada de uma criada, mas em vez disso um atrativo vestido azul-escuro cingido na cintura, um fino lenço de seda e modernos sapatos rasos. Mais parecia uma chique jovem executiva do que uma criada.

— Porque não volta enquanto a Francesca toma duche? — sugeriu Anne calorosamente. — Ela irá refrescar-se do voo.

— Com certeza, *milady* — disse Clarisse, retirando-se. Depois de ter tomado banho, Francesca entrou na suite e deu com Clarisse a arrumar no *closet* a sua mala já desfeita.

— Deixei um copo de soda-lima à sua espera. Sua senhoria disse que era a sua bebida preferida. Pendurei este vestido para usar esta noite no jantar de Consoada. Achei que seria este que tinha em mente, mas por favor diga-me se gostaria de outro — disse Clarisse amavelmente, acenando para o vestido vermelho-escuro de ombros descobertos pendurado num cabide do lado de dentro da porta do *closet*. Francesca engoliu desconfortavelmente em seco. Era o vestido mais elegante que trouxera, e fizera-o com o baile em mente, não o jantar de Consoada.

— Eu... sim, com certeza. Foi simpático da sua parte — disse vacilante, não desejando exhibir a sua ignorância.

— De todo — disse animadamente Clarisse. — O seu vestido para o baile ainda está para ser entregue? Apenas queria saber pois poderei estar atenta à sua chegada, arejá-lo e pô-lo a postos.

— Hm, ainda está tudo a ser tratado. Dir-lhe-ei alguma coisa — disse, corando. *Oh não*. A festa de núpcias devia ser bem mais formal do que ela julgara... ou não tivera de toda experiência para julgar. E o «*passarem sossegados a Consoada e o dia de Natal, só em família*» devia ser igual, pensou Francesca com crescente desconforto.

Sentia-se demasiado embaraçada para realçar a sua estupidez diante de uma estranha. Simplesmente teria de confessar a sua ignorância e falta de preparação a Anne essa noite. Talvez houvesse alguma loja nas imediações onde pudesse arranjar algo apropriado? No momento em que o pensou, teve a desanimadora sensação de que estava condenada a sobressair como uma saloia no baile. Já era suficientemente mau no que lhe dizia respeito, mas odiava a ideia de embaraçar Anne e James na sua noite especial.

Declinou a amável oferta de Clarisse de a pentear para o jantar e a criada retirou-se. Francesca virou-se para contemplar o vestido carmesim, os seus receios quanto a alardear a sua falta de jeito uma vez mais a ocupar-lhe o pensamento. Engraçado, julgara ter ultrapassado as suas inseguranças. Mas a verdade é que só se sentira confortável em eventos de monta ou jantares formais devido à presença de Ian, a sua natural e completa confiança alastrando a ela... sempre dando-lhe força.

Contudo, agora não o tinha para nele se apoiar. Fora uma tola ao julgar-se capaz de funcionar e manter a cabeça erguida em ambientes como aqueles.

Pelo menos o vestido realçava-lhe a tez, decidiu mais tarde ao examinar-se nervosamente de frente e de costas no espelho alto. A pele dos

ombros e das costas irradiava. Ian dissera-lhe muitas vezes que os seus ombros e as suas costas eram duas das suas melhores características, e comprava-lhe com frequência vestidos que os realçassem.

Para de pensar no que o Ian pensava, dardejou para consigo mesma enquanto pegava num par de sapatos pretos de salto alto de camurça e cabedal com tira no tornozelo. Tinha o cabelo comprido preso ao alto, e como acessórios a sua gargantilha preferida com três fiadas de pérolas que Ian lhe dera e brincos a condizer. Era o melhor que se podia arranjar, decidiu lugubrememente ao olhar do espelho para o relógio dourado na mesa do sofá. Anne dissera que se encontrariam na sala de estar — onde quer que ela ficasse — às sete para uma bebida antes do jantar.

Francesca não ficou certa se Clarisse estaria realmente de passagem quando ela desceu a grande escadaria, ou se a sua presença ali seria propositada. Tudo parecia acontecer com a maior naturalidade no palacete dos Noble, como se tudo tivesse sido coreografado por algum deus de graciosa etiqueta.

— Obrigada — disse Francesca a Clarisse quando ela a conduziu a uma porta apainelada branca e carmesim e lha abriu. Talvez a criada tivesse notado a ansiedade de Francesca, pois esboçou-lhe um sorriso animador.

A primeira cara que ela viu ao entrar na sala quente e aconchegada foi a de Gerard.

— Mas que visão esta — disse ele, percorrendo-a com um olhar de clara apreciação masculina. Ele parecia muito atraente e à-vontade num *smoking* de laço preto, o antebraço apoiado na cornija da lareira, com um copo de uísque com soda na mão. E lá estavam Anne e James, saudando-a e levantando-se de dois sofás de veludo castanho-chocolate dispostos à frente um do outro diante de um lume crepitante.

— Tenho de esfregar as tintas e apresentar-me decentemente pelo menos algumas vezes por ano — disse Francesca esbaforida para Gerard depois de os ter saudado a todos. Desviou o queixo quando Gerard se inclinou para a beijar, de modo que os seus lábios mornos lhe roçaram a face. Olhou de relance à sua volta, apercebendo-se de que a sala era bastante grande, com diversas e confortáveis zonas de estar. — Que bonita sala, Anne. Que bonita *árvore* — exclamou, passando por Gerard para admirar o pinheiro de sensivelmente dois metros e meio decorado com minúsculas luzes brancas e ornamentos alemães feitos à mão, alguns dos quais claramente antiguidades. O seu olhar demorou-se no ornamento pintado de uma motorizada em miniatura. A árvore de Natal no Salão Nobre era toda ela grandiosidade, mas esta era claramente uma árvore íntima para um local de reunião privado. — Era aqui que costumavam celebrar os natais com... com a família? — perguntou a Anne, que se tinha acercado e colocado ao lado dela. Estava encantadora num vestido de inverno branco e adornada de diamantes.

— Sim, quase sempre — disse Anne, estendendo-lhe uma qualquer bebida fumegante numa taça de cristal. Francesca inalou uma baforada da deliciosa poção.

— Este é que é o ponche de Natal da Sra. Hanson? — perguntou, agradavelmente surpreendida. Anne assentiu. O sabor do preparado de sidra de maçã, rum e especiarias alegrou-a como um sorriso familiar. Alegrou-a, isto é, até se recordar de fazer um brinde com ele na companhia de Ian na noite de Consoada do ano anterior no *penthouse*.

Não. Fora realmente apenas há um ano que se sentira tão inabalavelmente segura no seu amor?

— Era a sala favorita de Helen — dizia James do fofo sofá de veludo encarnado onde se sentara junto à lareira. *E do Ian.* O pensamento acudiu-lhe automaticamente à cabeça ao mesmo tempo que o olhar lhe passava da pequena motorizada de madeira para a coleção de objetos de arte expostos na sala e fiadas e fiadas de livros nas estantes embutidas. Conhecia tão bem o gosto dele.

— E do Ian, claro — acrescentou James ao retardador, confirmando a suspeita de Francesca. Ergueu as sobrancelhas e bebeu um gole da sua bebida quando Anne lhe lançou um subtil olhar de censura. Gerard mudou galantemente de assunto.

— E é aqui que a Anne e o James planeiam pendurar o seu quadro — disse, acenando para o espaço acima da lareira onde atualmente se via uma pintura a óleo de uma vistosa dama da era vitoriana envergando um vestido azul.

— Dado que passamos tanto tempo aqui — disse James —, achámos que seria o local ideal para o desfrutar.

— E nos lembrarmos de si — disse Anne, pegando-lhe na mão.

Os seus medos de fazer figura de parva eram maioritariamente infundados, descobriu Francesca. Não que subitamente adquirisse confiança em mover-se no meio de tanto estilo e grandiosidade, nem por sombras. Eram a afabilidade e descontração de Anne, James e Gerard — e até do pessoal doméstico. Graças à presença da Sra. Hanson em Chicago, estava mais ou menos habituada a ser servida ao jantar. A governanta de Ian insistia em manter a tradição de vez em quando, e Ian sentia-se demasiado cansado — ou era demasiado avisado — para discutir com ela de cada vez que o mencionava.

Francesca deu consigo a relaxar pela primeira vez desde que aterrara em Londres quando a refeição se aproximava do fim, e o criado de libré serviu fruta e queijo para sobremesa. Mesmo com a espantosamente formal sala de jantar e o serviço do requintadamente preparado e festivo jantar, era a calorosa afabilidade de Anne e James que marcava o ambiente. Gerard,

também, tudo fazia para a encantar, os olhos escuros brilhando de prazer de cada vez que lhe arrancava uma risada.

Francesca deu consigo a esperar que os homens se retirassem para algum espaço de cavalheiros a seguir ao jantar e que ela ficasse com Anne só para si — não era isso que se fazia em livros como *Reviver o Passado em Brideshead*²? Tinha mesmo de falar com Anne da questão do vestido para o baile. Para seu grande desapontamento, contudo, retiraram-se todos juntos para tomar o café na sala de estar.

— Choca-me que tenha sido tudo tão flagrante... logo numa movimentada rua da cidade — refletia Gerard a respeito da tentativa de assalto contra ela e Davie, uma vez instalados junto da lareira crepitante. — Há alguma vaga de crime em Chicago?

— Nada mais que a vaga do costume — disse Francesca com um sorriso. Gerard estava instalado ao lado dela no sofá, parecendo tão confortável na sua formal indumentária como a maioria dos homens se sentiria de calças de ganga e t-shirt. Era de facto extremamente atraente, acrescentou para consigo mesma com toda a justiça.

— Deve ter sido tão assustador — disse Anne do seu lugar junto de James diante deles. — Era certamente um criminoso atrevido.

— E devia ser bem estúpido também — acrescentou Francesca com uma risadinha. — Os praticantes de *jogging* em geral não carregam consigo muitos objetos de valor.

— Partindo do princípio de que a intenção fosse roubar — disse Gerard, com um lúgubre esgar de boca.

— Que coisa de se dizer, Gerard — ralhou Anne, reprimindo um calafrio. — Falemos de qualquer outra coisa. É noite de Consoada. Tem tudo de que precisa para o baile, Francesca? Podemos ir à vila no feriado pós-natalício se precisar de alguma coisa. Tenho de tratar de que as caixas de esmolas sejam colocadas na igreja de qualquer maneira.

Francesca olhou nervosamente de relance de James para Gerard. Não tinha mesmo outra escolha senão expor a sua falta de preparação diante deles. — Sim, gostaria de ir consigo. De facto, acho que estou metida em sarilhos. Clarisse perguntou-me pelo vestido para o baile. Eu trouxe este para tal fim — disse, baixando os olhos para o veludo carmesim e sentindo as faces começarem a arder. — Lamento. Nunca estive em nada assim tão... especial antes. Receio não estar de todo preparada.

— Ora bem, *trataremos* de a preparar — disse Anne com inabalável

² *Brideshead Revisited*, *The Sacred & Profane Memories of Captain Charles Ryder* no original, romance de Evelyn Waugh publicado em 1945 e adaptado com grande sucesso a uma série de televisão, em 1981, e ao cinema em 2008. (N. da T.)

confiança. — Não há nada com que se ralar. É apenas uma festa, e é apenas um vestido.

— Use esse outra vez — concordou James, assentindo para o seu vestido de veludo. — É muito bonito. Eu gosto dele.

— Concordo plenamente — disse Gerard.

— Digo-lhe mais — disse Anne com toda a naturalidade. — As lojas estão abertas no feriado pós-natalício, e Stratham tem duas boas boutiques. Se não encontrarmos nada, a Clarisse dar-lhe-á um jeito a esse para o baile.

— Lamento incomodar.

— Por favor, não se deixe ralar por isto, querida — insistiu Anne. — A sua presença aqui é que é importante, não um vestido pateta. Sinta-se confortável. Raramente temos estes caprichos em Belford, mas, como lhe disse, contratámos ajuda extra para as festas e o baile. Não se deixe enganar a pensar que somos empertigados ou pretensiosos, acontece apenas estar a ver-nos especialmente embelezados para as festividades. Vamos, joguemos a qualquer coisa ou façamos algo *divertido*, sim?

Passaram um apazível e descontraído serão de Consoada juntos. Todavia, Francesca estava ciente de um ponto dolorido nas imediações do seu coração, um lugar esfolado em chaga. Era mais difícil do que tivera consciência, estar ali sentada na sala favorita de Ian, rodeada pelos familiares de Ian num dia tão especial... sem Ian.

A solidão pareceu alastrar-lhe no peito quando Gerard a escoltou pela escada acima ao fim da noite. Segurou-lhe a mão e firmou-a quando ela vacilou no último degrau.

— Bebeu de mais do ponche da Sra. Hanson? — perguntou, sorrindo.

— Não, não é isso. Estou apenas desacostumada de usar saltos altos.

— Não é o uniforme padrão para uma pintora, calculo eu.

— Longe disso — disse ela, por demais consciente do facto de ele conservar a sua mão na dele. Para ser honesta consigo própria, o toque dele era como um bálsamo para aquele doloroso sentimento que ela sentira toda a noite no peito. O alto corredor abobadado estava envolto em sombras. O coração começou a bater-lhe desconfortavelmente depressa à medida que se aproximavam do quarto dela.

— Cá está o meu — disse, assentindo na direção da porta. Ele não a largou ainda assim. Chegou-se ainda mais. Ela manteve o olhar assestado na sua camisa branca engomada.

— Francesca?

— Sim?

— Já passa da meia-noite. Feliz Natal.

Ela levantou os olhos para retribuir os votos. Ele cobriu-lhe a boca com a sua, instando-a a apartar os lábios para dar passagem à sua língua. Por

um segundo, ela permitiu-lho. Porventura estivesse curiosa. Talvez quisesse vingar-se de Ian.

Talvez o seu corpo estivesse simplesmente a precisar. Desesperadamente.

Os braços dele envolveram-na e o seu beijo aprofundou-se.

Um calafrio percorreu-a ao constatar que estava a pensar nele como um equivalente a um brinquedo sexual. Ele era um ser humano, não um conveniente objeto para alimentar um insaciável, inextinguível desejo.

Interrompeu o beijo e empurrou-lhe o peito. Ele não a soltou imediatamente, aumentando a sua frustração tanto no que a ele respeitava, como ao seu corpo por traí-la, ainda que muito brevemente.

— O que se passa? — soprou ele asperamente. A sua boca desceu-lhe ao longo do pescoço persuasivamente, as mãos cingindo-lhe mais a cintura.

— Pare, Gerard. Não está certo. Eu não quero — disse ela baixinho.

Ele levantou a cabeça e olhou-a na obscuridade. — Francesca... sei que deve achar isto estranho, pelo facto de eu ser primo do Ian. Também já pensei nisso.

— Pensou? — perguntou ela, insegura.

— Claro. O Ian é como um irmão para mim. Preocupa-a que ele se sinta aborrecido connosco? Que se sinta traído?

— Porque haveria ele de se sentir traído? — perguntou ela irritada, com os dentes firmemente cerrados. — Ele é que me deixou.

— Concordo.

Ela pestanejou ante a sua firme resposta e ficou mais uma vez presa do seu olhar. As faces ruborizaram-se-lhe. — Simplesmente seria errado.

Ele estudou-a langorosamente por um desconfortável momento, parecendo ler-lhe o rosto. Sem pressa, soltou-a.

— Discordo — disse rispidamente. — Acho que seria maravilhoso. Não me vou pôr com rodeios quanto ao facto de a desejar. Talvez o fizesse nestas circunstâncias, com uma mulher diferente... com uma atração menos intensa, mas consigo não o farei. Na outra noite, disse que a oportunidade não era certa. Quero que saiba que lá estarei quando *for* a oportunidade certa.

Ela inalou, sentindo aquele ponto cauterizado no peito.

— Ele não se há de interpor sempre entre nós — disse Gerard firmemente como ela não respondesse. — Ele abandonou-a, Francesca. — Roçou-lhe ao de leve as pontas dos dedos na face.

— Julga que eu não sei disso? — perguntou ela amargamente, desviando o queixo e impedindo que a tocasse.

— Vejo que ele a deixou com uma coleira e tanto — disse ele, baixando as pontas dos dedos até à garganta, onde lhe acariciou simultaneamente a

pele e a gargantilha de pérolas que Ian lhe dera. — Mas eu sou persistente. Quebrá-la-ei.

— Boa-noite, Gerard — murmurou ela numa voz sufocada, virando costas ao toque dele e abrindo a porta do quarto. Recusou levantar os olhos ao fechá-la, mas soube que ele ainda lá estava postado, perfurando a porta com o olhar.

Ele observou-a a enfiar-se na cama sem uma única peça de roupa, os membros pálidos brilhando à luz dourada do candeeiro, os seios fartos arfando embora tivesse as faces enxutas. Estava claramente perturbada, mas forçando-se a não chorar, reprimindo a angústia. O seu corpo fora claramente treinado para o prazer. Lutava por existir sem ele, constatou ele quando ela levou a mão ao sexo, os seus gestos profundamente excitantes não obstante a qualidade quase raivosa da sua masturbação... talvez *devido* à sua focada fúria. Ela odiava aquela obsessão, a necessidade absoluta de sentir.

Tanto melhor para ele.

Avaliou pela forma como ela quase imediatamente mergulhou o dedo na vagina que estava a precisar de ser preenchida. Estava anelante, mas quando sucumbiria ela à sua fome? Desapertou as calças e empunhou o pau, com os olhos colados ao ecrã do computador.

Deteve-se com a mão em torno da ereção latejante quando ela fodeu freneticamente o pito com o dedo e usou o polegar para massajar vigorosamente o clítoris. Ao mesmo tempo, pôs um pulso sobre a cabeça e fixou-a à almofada. As costas arquearam-se-lhe, a exposição dos seus seios redondos e bojudos deixando-o com a boca seca. A face dela contraiu-se numa pungente expressão de desejo contrariado e aguda frustração.

Jesus. A respiração tornou-se-lhe entrecortada enquanto bombeava o pau com mais força. Ela estava a imitar um gesto de sujeição. Observou com crispada concentração, o braço movendo-se-lhe como um pistão enquanto imaginava vividamente que a estirava no colchão e martelava o pau por aquele apertado e róseo pito acima.

Ele veio-se antes dela, num agudo e delicioso orgasmo. Ela contorcia-se ainda, claramente na iminência do clímax, quando ele desligou o vídeo, já desinteressado.

As coisas estavam a progredir bem, disse para consigo mesmo enquanto punha o computador de lado e enxugava o sémen do ventre com um lenço de papel. Pusera a bola a rolar. De nada servia caçar uma presa ferida permanecendo ela invisível à vista. Decerto que ele seria atraído a campo aberto agora, com a ameaça que ele providenciara... o isco.

Tudo o que Gerard tinha a fazer era esperar e deixar que o desafortunado drama se desenrolasse.

O dia de Natal passou muito aprazivelmente. Anne levou-a numa visita guiada por Belford Hall a seguir a um delicioso *brunch*. Mais tarde, trocaram presentes, e Francesca congratulou-se ao ver que os presentes de Anne e James para ela eram pequenas prendas simbólicas do género das que ela lhes dera a eles. Deviam ter reconhecido que ela se sentiria desconfortável com presentes caros. Gerard, por outro lado, deteve-a junto da enorme e cintilante árvore no Salão Nobre antes de ela subir à suite para se vestir para o jantar.

— O que é isto? — perguntou, confusa, quando ele lhe deu uma caixa retangular vermelha-escura.

— O meu presente para si, é claro. Feliz Natal.

Francesca olhou de relance à sua volta, desconfortável, mas eles eram as únicas pessoas no salão. Abriu a caixa de joalheiro, arquejando suavemente ao ver a espetacular gargantilha de platina e diamantes aninhada em veludo preto.

— Gerard, não posso aceitar isto.

— Não gosta?

— Claro que gosto. É espetacular — assegurou, lamentando o olhar inquieto dele.

— Então tem de ser sua, pois você é a própria definição de espetacular — disse ele, tocando-lhe fugidamente a face com as pontas dos dedos.

— Não... não poderia — disse ela, estendendo-lhe a caixa, mas ele recusou-se a aceitá-la. Lançou-lhe simplesmente um olhar retorcido e virou costas. Ela ali ficou postada com crescente frustração e dúvida, observando-o a subir as escadas.

Na manhã seguinte ela preparava-se para ir até à vila com Anne quando ouviu baterem à porta. Clarisse entrou apressadamente carregando um porta-fato, o rosto radioso de entusiasmo.

— Já chegou — disse, com a voz a tremer, com tão grande excitação que Francesca lhe sentiu verdadeiramente a juventude pela primeira vez.

— Chegou o quê? — perguntou, perplexa.

— O seu vestido. — Clarisse abanou a cabeça, com um sorriso rasgado.

— É um espanto. Nunca mencionou... não insinuou sequer... e o estilista até para a realza trabalha! — tartamudeou.

Francesca riu-se completamente perplexa. — Do que está para aí a falar...

Mas Clarisse estava demasiado ocupada a pendurar e correr o fecho do invólucro para prestar atenção. Francesca ficou ali simplesmente, de boca escancarada ante o mais requintado vestido branco e prata pálida que lhe fora dado ver ou imaginar. Apertava na garganta e não tinha costas nem mangas. O desenho no corpete justo representava delicadas folhas prateadas embutidas sobre branco. Embora o fundo branco fosse transparente, o vestido estava recatadamente forrado. A saia era simultaneamente direita e rodada, o diáfano tecido branco caindo por sobre uma base prateada dando a impressão de água fluida e tremeluzente.

— Esta noite tem de me deixar penteá-la — dizia Clarisse esbaforida. — Sei qual é o estilo perfeito para este vestido. Vai ficar um espanto. Oh... e veio uma nota a acompanhar.

Francesca pegou no pequeno envelope branco com dedos entorpecidos, detendo-se para se certificar de que tinha deveras escrito o seu nome. A nota estava datilografada em papel linho branco.

Francesca,

Peço perdão pelo desleixo e falta de atenção.

Fitou simplesmente a nota por um prolongado momento, sustendo o fôlego, um estranho formigueiro alastrando-lhe pelos membros. Não... não podia ser.

Peço perdão pelo desleixo. Esperem... não lhe tinha Gerard falado assim recentemente? E ele sabia que ela não tinha vestido.

Sentiu-se inundada de desapontamento.

— Está entusiasmada para esta noite? A sala de baile vai ficar tão linda. Sua senhoria não lhe disse que a decoração é toda em branco e prata? Há de parecer uma princesa de conto de fadas lá dentro com este vestido — entusiasmou-se Clarisse, passando a mão pela saia de modo a que o requintado tecido lhe deslizesse pelo antebraço.

— Não. Um feliz acaso, acho eu — disse dubiamente Francesca.

— O meu vestido não é nada como este, mas mesmo assim mal posso esperar — disse Clarisse.

— Quer dizer que estará presente no baile?

Clarisse assentiu, com os olhos brilhantes. — Suas senhorias convidaram o pessoal. É uma espécie de aceno à tradição dos bailes de criados que se costumavam fazer há anos no feriado pós-natalício. Dado que é igualmente o aniversário de casamento de ambos, Lady Stratham pensou que seria simpático combinar a comemoração com um grandioso baile. Estamos todos muito entusiasmados. Não está também?

— Oh, sim — assegurou Francesca. Enfiou a nota no bolso,

envergonhada de si própria pelo lampejo de esperança que a tinha trespassado por uma fração de segundo ao ler aquelas palavras datilografadas.

Conforme se verificou, ela e Anne não tiveram sorte na compra de um vestido na vila. Claro que ela já tinha sido completamente estragada pelo outro. Nenhum outro vestido tinha qualquer hipótese face à requintada criação que lhe fora enviada. Agastou-a um bocadinho, saber que Gerard tinha reconhecido até que ponto ela o adoraria.

Mais para o meio da tarde, susteve o vestido vermelho escovado e arejado ao lado do vestido branco e prata. O coração caiu-lhe aos pés. Claro que usaria o vestido que lhe fora enviado. Constatou que a gargantilha de diamantes ficaria um espanto com ele. Teria sido por isso que Gerard a escolhera?

Mas não. Devolveria a gargantilha a Gerard. Era de mais. De mais mesmo. As suas três fiadas de pérolas ficariam igualmente encantadoras com o vestido, juntamente com os alfinetes de diamantes que Ian lhe dera em tempos para usar no cabelo. Tentou convencer-se a si própria que a sua opção de devolver a gargantilha nada tinha a ver com o comentário de Gerard na noite da Consoada, quanto a Ian lhe ter deixado uma coleira, quando lhe tocara nas pérolas. Não, ele não quisera passar mensagem nenhuma ao dar-lhe uma gargantilha de diamantes, como que para substituir as pérolas de Ian. Era tudo ridículo fosse como fosse. Ian não a deixara certamente presa de maneira alguma.

— *Exquis* — disse Elise de olhos arregalados mais tarde quando Francesca lhe mostrou o vestido. Ela e Lucien tinham chegado mesmo antes de um lanche especialmente reforçado, tendo Anne explicado que não seria servido um jantar tradicional no baile uma vez que este tinha oficialmente início às nove da noite; em vez disso estavam programados acepipes e depois uma ceia-bufete à meia-noite. Após o farto lanche de sanduíches, fruta e doce, Elise acompanhara Francesca à sua suite para tagarelarem antes de chegar a hora de se prepararem para o baile. Elise pareceu reparar na confusão dela ante a exclamação. O francês de Francesca não era bom. — Este vestido é uma tara — traduziu Elise sucintamente. — E dizes que foi o Gerard que to deu?

Francesca assentiu, incapaz de disfarçar a inquietude que sentia.

— Lá atraente é ele — concedeu Elise duvidosa, deixando-se cair no sofá. — E parece razoavelmente simpático. Claro que ele não é o Ian.

— E não é melhor assim? — disse secamente Francesca, pendurando o vestido.

— Acho que tudo depende do que tu pensas. Francesca? — acrescentou

Elise como ela não se virasse de imediato, mas se ocupasse a ajeitar o vestido. — O que *pensas* tu?

Francesca congratulou-se quando Clarisse bateu à porta, pedindo-lhe que se aprontasse para o banho antes de se arranjar para o baile. Pareceu uma boa altura para mudar de assunto.

O coração martelava-lhe desconfortavelmente às oito e quarenta e cinco da noite ao colocar-se na fila de receção com Lucien e Elise atrás dela, aguardando a sua vez de apresentar os seus votos oficiais de felicidades ao conde e condessa pelas suas bodas de ametista. Elise e Lucien pareciam uma visão — Elise num vestido roxo carregado que realçava na perfeição a cor rara dos seus olhos, um requintado colar de platina e safiras e a aliança de casamento de diamantes marchetados e safiras, Lucien incrivelmente atraente, como de costume, num *smoking* formal de laço branco. O Salão Nobre estava de cortar a respiração, decorado com globos de cristal iluminados por velas, magníficos candelabros de prata e aromáticos festões dispostos de fresco, a árvore de Natal flamejante.

Não estava bem certa porque lhe batia o coração tão depressa de ansiosa excitação, mas julgou que se devesse talvez a tanta gente garbosa enchendo o salão: ricos, nobres e famosos à mistura com o pessoal doméstico e várias pessoas da vila. Todos perambulavam por ali, bebericando champanhe servido por criados, aguardando que as portas da sala de baile se abrissem de par em par. Um quarteto de cordas tocava em surdina, contribuindo para a festiva atmosfera de antecipação. A presença de Lucien e de Elise mesmo atrás dela na fila emprestava-lhe alguma da tranquilização de que tão desesperadamente necessitava. Vislumbrou Clarisse à distância, bonita num vestido dourado pálido. A criada fez um ligeiro aceno e Francesca acenou de volta, retribuindo o sorriso entusiasmado.

Viu as costas de um homem alto de ombros largos, envergando *smoking*, à distância na fila de receção, e constatou que não tardaria a ter oportunidade de agradecer o vestido a Gerard. Ele merecia a sua gratidão. Nunca se sentira tão bonita. O vestido assentava-lhe como se tivesse sido feito para ela. Clarisse penteara-lhe o cabelo numa trama delicada, usando os alfinetes de diamantes para lhe dar habilmente a forma de uma espécie de coroa solta, loura-rosada, que impressionou Francesca pelo despreten-siosismo a par de uma suprema elegância.

Chegaram finalmente ao casal aniversariante.

— Francesca, querida — disse Anne, a sua voz soando invulgarmente elevada quando Francesca se inclinou para a beijar na face e felicitar. Quando se endireitou e reparou na expressão da condessa, Francesca,

atónita, interrogou-se porque parecia Anne tão perplexa — estranhamente radiante e preocupada ao mesmo tempo.

— O vestido fica-te um encanto. Sabia que assim seria.

Um pulsar elétrico pareceu começar mesmo na base do cérebro de Francesca e descer-lhe pela espinha abaixo, desencadeando uma reação em cadeia para cada nervo do seu corpo. Quedou-se como que petrificada. Não fora Gerard quem ela vira, postado na fila de receção com Anne e James.

— Não tive tempo de lhe dizer — ouviu Anne murmurar apologeticamente em surdina, à distância.

— Ele desceu precisamente quando os primeiros convidados chegaram — disse James.

O rosto de Ian parecia ter sido esculpido de alabastro, mas os olhos pareciam trespassá-la de fogo.

— Bem — disse ele baixinho, a familiar voz profunda, ligeiramente ríspida e com sotaque britânico parecendo raspar-lhe ao de leve a pele eriçada. — Não vais dizer nada?

Ela inalou plenamente pela primeira vez desde que vira a expressão angustiada de Anne.

— Sim — replicou. — Com licença.

Virou-se e mergulhou no meio da multidão, os brilhantes vestidos e tremeluzente fulgor e abruptas risadas assaltando-lhe violentamente o cérebro aturdido. A única coisa de que podia estar certa, a única coisa que lhe parecia aterrorizadamente real, era aquele fio invisível que sempre parecera uni-la a Ian retesando-se até mais não. Sentiu-o repuxar dolorosamente bem fundo no peito ao fugir, ameaçando rasgar algo vital.